

Jéssica Lane Custódio

**QUERO SER JORNALISTA. AMANDA TAMBÉM:
A BIOGRAFIA FRACTAL DO JORNALISMO**

Bauru, 2014

Jéssica Lane Custódio

**QUERO SER JORNALISTA. AMANDA TAMBÉM:
A BIOGRAFIA FRACTAL DO JORNALISMO**

Memorial de Projeto Experimental apresentado
em cumprimento parcial às exigências do Curso de
Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação, do Departamento de Comunicação Social,
da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Julio de
Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Social - Jornalismo.

Orientador do Projeto Experimental:
Prof. Dr. Juarez Xavier

Bauru, 2014

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus primeiramente e depois
a todos que de forma direta ou indireta
fizeram esse trabalho acontecer: ao
Fernando Labanca de George , Vicent Lyh
e Yuri Fioravante. Também agradeço a
todos os entrevistados por ter confiado a
mim tantas histórias preciosas. E a minha
batalhadora mãe, aos meus avós e tios, ao
Vitor e a todos meus amigos mais
próximos, que ajudaram esse sonho esse
sonho a se tornar realidade.

*“Não se preocupe em desvendar páginas da vida alheia.
Contemple-as. O rastro de sangue na folha do papel é o
que identifica a biografia e os biógrafos.
Nós somos açougueiros da alma.”*

Felipe Pena

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. PRODUTO	
2.1. Público alvo.....	11
2.2. Projeto gráfico-editorial.....	11
2.3. Circulação e lançamento.....	12
2.4. Fontes e entrevistados.....	12
2.5. Custos do projeto.....	14
2.6. Equipamentos utilizados.....	15
2.7. Atividades desenvolvidas.....	15
3. COMENTÁRIOS	
3.1. Dificuldades encontradas.....	16
3.2. Considerações finais.....	16
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	18

1. INTRODUÇÃO

A escolha de uma profissão é uma decisão muito importante para a vida de uma pessoa. O adolescente que está na fase de eleger a faculdade que vai prestar, procura em vários meios, uma orientação para a sua carreira. Por isso, uma literatura capaz de orientar e entreter é de grande ajuda para esse público que necessita de muitos conselhos. Assim, o jornalismo, pode tomar esse desafio para si e informar o jovem sobre o caminho que ele seguirá na profissão. É o que pretende fazer a coleção de livros “O que você quer ser quando crescer?”, com sua primeira obra: “Quero ser Jornalista, Amanda também”.

A coleção visa contemplar, em cada livro, uma profissão diferente, contando uma história de ficção-reportagem leve, divertida e, ao mesmo, tempo crítica sobre a carreira escolhida. A trama será feita através de uma profunda análise, com entrevistas e pesquisas sobre a profissão, juntando várias partes de fatos até um todo maior, uma história que resumiria a essência de como é estar naquela profissão.

O livro conta a história de Amanda, recém-formada em jornalismo, contratada há um mês pelo jornal Diário de Itauíta. Num dia de trabalho, ela vai cobrir o assassinato de um trabalhador rural, e descobre que ele era cortador de cana-de-açúcar da fazenda de Fábio Duarte, o candidato a prefeito de Itauíta, e irmão do dono do jornal em que Amanda trabalha. Com a ajuda de seu amigo Guilherme, assessor de imprensa de Fábio Duarte, eles descobrem que esse assassinato encobre outro crime nessa fazenda: os trabalhadores são mantidos na fazenda em condições análogo à escravidão. A protagonista da obra, então, se vê em um mistério: será que o jornal em que trabalha publicaria essa notícia?

Referente a obra apresentada neste trabalho, o seu objetivo é contemplar através da história desse livro, vários aspectos da profissão jornalística. Pensei em uma obra para o adolescente, que está começando a se sentir mais cobrado a dar à sociedade uma resposta à pergunta que ouve desde criança: “o que quer ser quando crescer?” Para isso, seria necessário adequar a linguagem jornalística para o público jovem e criar uma história que contemplasse a realidade do jornalismo no Brasil sem glamourizá-lo, porém, interessante o bastante para atrair esse jovem que tem sede de conhecimento e aventura.

Baseando-me na teoria das biografias fractais de Felipe Pena, tomei a profissão do jornalista como o personagem principal da trama, e procurei biografá-la, à luz dessa teoria, que tem o seguinte conceito:

“A ideia é organizar uma biografia em capítulos nominais (fractais) que reflitam as múltiplas identidades do personagem (por exemplo: o judeu, o gráfico, o pai, o patrão). No interior de cada capítulo o biógrafo relaciona pequenas histórias/fractais fora da ordem diacrônica. Sem início, meio e fim o leitor pode começar o texto de qualquer página. Cada história traz nas notas de rodapé a referência de sua fonte, mas não há nenhum cruzamento de dados para uma suposta verificação de veracidade, por isto inviabilizaria o próprio compromisso epistemológico da metodologia. Quando a mesma história é contada de maneira diferente por duas fontes, a opção é registrar as duas versões, destacando a autoria de cada uma delas.” (PENA, 2006, p. 91)

Tive como exemplo também, Castelo de Âmbar, um livro biográfico de Mino Carta, que relata os bastidores das revistas Veja e Istoé, através de uma ficção, uma sátira das situações vividas em sua história no jornalismo. Munida destas bases, fiz entrevistas semi-estruturadas com 34 jornalistas que me contaram um pouco sobre suas experiências na área e 3 agentes do Ministério do Trabalho e Emprego. Antes da entrevista, montei um roteiro prévio com perguntas relacionadas ao seu cargo atual na empresa atual, experiências anteriores e opiniões sobre o jornalismo em geral, que poderia mudar conforme as informações obtidas na entrevista. Dentro dessa terceira parte, os entrevistados eram convidados a dar dicas aos aspirantes a jornalistas sobre a carreira em que estavam ingressando. As entrevistas foram presenciais, por e-mail, por chat do Facebook e por telefone.

A minha responsabilidade foi passar ao leitor essas histórias de uma maneira atrativa ao público adolescente. Não achei que seria atrativo o suficiente um livro com contos segmentados. Dessa maneira busquei em outra teoria de Felipe Pena uma forma de contar essas histórias: a “ficção-jornalística”.

“A ficção-jornalística não tem compromisso com a realidade, apenas a explora como suporte para a sua narrativa”(PENA, 2006, p. 114). Dessa forma, nesse gênero é possível criar personagens, lugares, situações, e ainda sim se basear na realidade, no fato, nas pesquisas e nas entrevistas para contar essa história.

Assim, resolvi misturar as duas teorias para criar a história do meu livro, relatando em cada capítulo, aspectos do jornalismo coletados em entrevistas e pesquisas, mas numa história ficcional, em que os personagens não existem em vida, mas representam um pouco de todos os entrevistados.

Então, fui atrás das histórias que poderiam formar a ficção-jornalística. Contactei pela internet e por telefone colegas recém formados para que me falassem um pouco sobre como era sair da faculdade e ingressar no mercado de trabalho. Entrevistei jornalistas novatos (os considerando aqui como alguém que concluiu em até dois anos o Ensino Superior) e pude recolher histórias divertidas de inexperiências e também de dificuldades que enfrentaram para entrar na área. Então, decidi que meu personagem principal seria alguém recém formado na faculdade de Jornalismo.

Segundo a pesquisa “Perfil do Jornalista Brasileiro” feita em 2012 pela Universidade Federal de Santa Catarina juntamente com a Federação Nacional de Jornalismo (FENAJ), 64% dos jornalistas no mercado em 2012 são mulheres. 63,9% dos profissionais trabalham no impresso (apesar das constantes demissões relatadas e da tal "crise do impresso" em detrimento da internet). Assim, quis que a minha personagem estivesse inserida nessa realidade e fosse uma mulher trabalhando em um jornal impresso de uma cidade fictícia.

Optei por não localizar essa cidade em uma região ou estado do Brasil ou dizer se é uma cidade pequena ou uma metrópole, para que todos os leitores tivessem a chance de se identificar com a cidade de Itauíta.

Localizado o contexto da nossa jornalista fictícia, aventurei-me a conhecer a profissão do jornalista impresso. Visitei o *Jornal da Cidade de Bauru*, onde pude entrevistar editores, repórteres, diagramadores, e supervisores do departamento comercial. Conheci toda a trajetória do jornal, desde a ideia da pauta até o produto final que vão nas motos de madrugada para serem entregues na casa do assinante. Pude conhecer a rotina semanal dos jornalistas. Também visitei posteriormente o *Tribuna Imprensa*, de Araraquara, um jornal de redação mais enxuta, mas que tem os mesmos moldes do *Jornal da Cidade de Bauru*, e um público alvo bem semelhante. Um detalhe é que lá ainda existe a figura do revisor, uma profissão em extinção no jornalismo. Visitei também *O Imparcial*, também de Araraquara,

e conheci uma redação mais enxuta ainda, que não tem bem uma organização de cargos. Todo mundo é um pouco repórter, fotógrafo, editor. Seu produto final é mais enxuto e destinado a classe D e E.

Visitei também um jornal em Araraquara de distribuição gratuita chamado *Circulando News*, de distribuição semanal. Sua redação é mínima. Eles também tem uma TV com o mesmo nome. Também de distribuição gratuita em Araraquara, conheci a redação da revista Kappa, que também possui o portal K3¹.

Todos esses funcionários do impresso, dividiram comigo histórias divertidas que já aconteceram na redação, assim como muitos também confessaram ter uma rotina maior do que a prevista por lei, e alguns disseram que essa rotina tem afetado a dedicação a aspectos da vida pessoal. Contudo, a maioria dos discursos das entrevistas falava sobre amor pela profissão, algo que era dito desde os chefes e acatado pelos funcionários. Pude observar que a expressão “amor pelo jornalismo” é relacionado ao esforço, à carga horária excessiva, ao desapego de reconhecimento tanto de carreira quanto financeiro.

Também procurei me atentar para um profissional do jornalismo totalmente esquecido nos sonhos da garotada que começa a faculdade: o assessor de imprensa. Tentei descobrir o que faz esse profissional e as dificuldades que ele enfrenta na profissão. Para isso, entrevistei jornalistas, que já fizeram ou até hoje fazem assessoria. Duas jornalistas entrevistadas, disseram que passaram por conflitos éticos e sofreram ameaça e pressões, nas assessorias de imprensa da Câmara Municipal e da Prefeitura em nas cidades em que trabalharam.

Depois de algumas entrevistas, juntando algumas histórias, saiu o *insight* para o tema central da trama. Decidi usar como base o caso do assassinato dos fiscais do Ministério do Trabalho de Unaí, queria falar sobre como um jornalista recém formado poderia cobrir uma matéria como essa.

Passei semanas escrevendo a história toda, da maneira que veio à minha mente. Depois disso veio a fase da lapidação. Para isso, usei inserindo em cada capítulo ideias, opiniões e histórias das entrevistas. Também utilizei dados de livros, pesquisas acadêmicas

¹ O portal tem o seguinte endereço na internet: <http://www.portalk3.com.br>.

e qualitativas lidas durante o período das entrevistas para sustentar e dar mais forma à história. Assim, juntei retalhos de fatos verídicos e os costurei na linha da trama ficcional da cidade de Itauíta, do jornal Diário de Itauíta, dos jornalistas Amanda e Guilherme.

Depois disso, voltei ao processo de novas entrevistas e pesquisas qualitativas, para complementar os buracos que ainda existiam no livro. O personagem principal do livro, o Jornalismo, é complexo demais, então sabia que um livro de 100 páginas não o conteria, entretanto queria mostrar ao leitor o máximo que podia. Entrevistei outras pessoas, busquei informações sobre o trabalho análogo ao escravo em órgãos como o Ministério do Trabalho de Bauru, São José do Rio Preto e Campo Grande (mais especificamente o setor do projeto Ação Integrada) e também com o Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) de Bauru para confirmar informações relacionadas a empreendedorismo. E, para cada assunto que comentava ao longo dos capítulos, tentava me embasar num fundo teórico. Assim, consegui mais histórias e mais dados de pesquisas para embasar a trama do livro.

Concomitantemente com a segunda fase de entrevistas e pesquisas, me dediquei também a pensar no aspecto visual do livro. Os capítulos contendo citações de jornalistas famosos têm a intenção de adiantar um assunto do capítulo ou ironizar a situação descrita nas páginas seguintes. Também esbocei ilustrações, mas ainda não foi possível colocá-las nesta edição.

Como a teoria das biografias fractais estapulam o limite do papel e também ganham a internet, minha ideia para próximos livros da coleção, seria criar um *e-book* multimídia. O leitor poderá clicar em uma palavra e ver o vídeo da entrevista que gerou aquela parte específica da história. Ou clicando em uma imagem, e será levado a uma página na internet do autor daquela ilustração e do processo de criação daquela imagem. *Podcasts*, fotos, vídeos, *links*, textos, pesquisas - todo material das entrevistas será acessível ao leitor. No *site* oficial da coleção, onde o *e-book* estará disponível para *download*, será possível mandar experiências sobre sua profissão, para complementar ainda mais a biografia, fazendo jus ao termo Biografia Sem Fim.

Entretanto, pelo prazo apertado e pela ideia ter surgido após as entrevistas, não foi possível executar tudo já nesse livro.

2. PRODUTO

2.1 Público alvo

Adolescentes de faixa etária entre 14 a 17 anos, que se interessam em saber como é a rotina da profissão do jornalista. São jovens que já estão pensando na suas escolhas profissionais e acreditam no jornalismo como uma delas.

2.2 Projeto gráfico editorial:

“Quero ser jornalista, Amanda também” faz parte da coleção “O que você quer ser quando crescer?”. Essa coleção, ainda sem definição de quantos livros, em cada um deles, contará uma história de ficção-jornalística, tendo como protagonista uma profissão diferente. Por ser uma coleção voltada para o público adolescente, a linguagem procura se aproximar o máximo possível do jovial, porém introduzindo o leitor aos jargões da profissão tema do livro.

O projeto gráfico geral da coleção terá algumas características marcantes:

Como o nome da coleção é uma pergunta, o título da obra se propõe a responder essa pergunta. Por isso todos os títulos obedecerão a essa composição: Quero ser *~profissão~, ~nome do personagem principal~* também.

As capas serão parecidas, mostrando o personagem principal diante de algum instrumento de trabalho ou alguma situação típica da profissão. As fontes e as cores de fundo podem mudar para atender também a profissão, mas as estruturas parecidas. Cada capa terá uma cor diferente. As fontes de título de capítulo dentro da obra também poderão ser alteradas para dialogar com a profissão.

As próximas edições pretendem ter ilustrações em cada página de capítulo, contendo o nome do capítulo na folha par, alinhamento a esquerda. E na folha ímpar, na parte inferior, alinhamento à esquerda, a frase.

Para o referente livro do projeto experimental, o projeto gráfico elaborado por mim e pelo *designer* Fernando Labanca foi pensado para que se assemelhasse ao instrumento mais usado pelos jornalistas: o bloco de anotações. A tipografia da fonte do título dos capítulos e das frases, pretende fazer o leitor se lembrar do bloco de anotações rabiscado por desenho do jornalista, que espera a entrevista começar. E ao mesmo tempo com uma letra mais informal e rápida, tem a letra do repórter que anota o que considera importante, ouve e formula perguntas ao mesmo tempo. Da mesma forma, a fonte nítida do capítulo, com borda, além de transmitir clareza para leitura também pretende trazer a lembrança das fontes usadas no jornal impresso.

A capa, desenhada pelo artista Vincent Lyh, contém letras ao fundo remetendo ao principal instrumento do jornalista, as palavras. As cores foram trabalhadas de forma a serem fortes, mostrando o posicionamento da jornalista Amanda de enfrentamento da situação que lhe foi apresentada na trama. O olhar longe da jornalista remete a necessidade desse profissional de enxergar além, fazer conexões do fato que lhe é apresentado com várias áreas do conhecimento. E não poderia faltar o bloco de anotações, no qual se baseia a ideia do projeto gráfico dessa edição.

2.3 Descrição do produto

É um livro em formato A5 (148x210 mm), contendo 100 páginas em papel *offset* de gramatura 90. Capa colorida em papel cartão, contendo orelhas. Encadernação em dobra quadrada, com cola.

O livro foi dividido em 10 capítulos nomeados com uma frase ou característica do assunto que será abordado nas páginas seguintes. A obra também contém um apêndice que relata como foi a experiência de escrever o livro.

A respeito da tipografia e tipometria, as fontes utilizadas foram:

- a) Texto corrido: ITC Garamond Std, book, tamanho 10.
- b) Número dos Capítulos: Angelina, regular, tamanho 60.
- c) Títulos dos capítulos: Orange Juice, regular, tamanho 32.
- d) Citações: A Little Sunshine, regular, tamanho 18.

Já na capa, foram usados os seguintes tipos:

- e) Autora: Segoe Script, regular, tamanho 40.
- f) Título: Orange Juice, regular, tamanho 32.
- g) Subtítulo: The Chicken Love Story, regular, tamanho 48.
- h) Nome da coleção: The Chicken Love Story, regular, tamanho 48.
- i) Descrição no verso: ITC Garamond, book, tamanho 12.

2.3 Circulação e lançamento

O produto estará disponível em livrarias, escolas (através de convênios com o governo) e bibliotecas. Tiragem de mil exemplares da 1ª edição.

2.4 Fontes e entrevistados

Nome	Veículo	entrevista
Adão Nereu	assessor de imprensa da Câmara Municipal de Bauru	pessoalmente

Alda Castro	Coordenadora do projeto Ação Integrada	telefone
Alexandre Azank	repórter da TV Tem de Bauru	pessoalmente
Ana Luiza Jacques	chefe de produção da TV Tem de Bauru	pessoalmente
Andressa Fernandes	repórter da revista Kappa e do portal K3 de Araraquara	pessoalmente
Arthur Sales	repórter e comentarista esportivo de rádio	Facebook
Carlos André de Souza	repórter do Jornal O Imparcial de Araraquara	pessoalmente
Carlos Bonatelli	editor chefe da TV Tem de Bauru	pessoalmente
Célia Pires	repórter do Jornal O Imparcial de Araraquara	pessoalmente
Denise Britto	assessora de imprensa da UFSCar	Facebook
Euclides Ely Ferreira Pereira	agente do Ministério do Trabalho de São José do Rio Preto	pessoalmente
Evandro Cini	repórter e apresentador da TV Tem de Bauru	pessoalmente
Fernanda Luz	estudante de jornalismo e fotógrafa	Facebook
Fernanda Manecolo	repórter da revista Kappa e do portal K3 de Araraquara	pessoalmente

Gabriel Canhadas Pretel Castaldini	jornalista freelancer	e-mail
Giuliano Tamura	repórter e apresentador da TV Tem de Bauru	pessoalmente
Isabela Ribeiro	laboratorista e fotógrafa do Jornal da Cidade de Bauru	pessoalmente
João Jabbour	diretor de redação do Jornal da Cidade de Bauru	pessoalmente
João Pedro Feza	editor chefe do Jornal da Cidade de Bauru	pessoalmente
José Augusto Chrispim	repórter da editoria de polícia do Jornal O Imparcial de Araraquara	pessoalmente
Larissa Tomazini	repórter da editora Alto Astral	pessoalmente
Ligiane Ciola	repórter de TV em Bréscia na Itália	e-mail
Luana Caroline Friedrich de Carvalho	assessora de imprensa da empresa NOKahlo	Facebook
Luiz Henrique Di Serio	sócio e diagramador do Circulando News de Araraquara	pessoalmente
Mara Sílvia Cerquetani	assessora de imprensa da Prefeitura de Bauru	pessoalmente
Márcia Bessa Martins	editora chefe da revista Kappa e do portal K3 de Araraquara	pessoalmente

Mariana Bonora	editora do portal G1 de Bauru	pessoalmente
Paola Patriarca	repórter de internet do Jornal da Cidade de Bauru	Facebook
Pedro Junqueira Franco de Castro	estagiário do Jornal Circulando News de Araraquara	pessoalmente
Pedro Romualdo	fotógrafo da Câmara Municipal de Bauru	pessoalmente
Renata Marconi	repórter do portal G1 de Bauru	pessoalmente
Renan Amorim	agente do Ministério do Trabalho de Bauru	e-mail
Ricardo Santana	ex-repórter do Jornal da Cidade de Bauru e agora jornalista freelancer	pessoalmente
Roberto Schiavon	editor chefe do Circulando News de Araraquara	pessoalmente
Suze Timpani	repórter do Jornal O Imparcial de Araraquara	pessoalmente
Valmir da Silva Moreira	sócio e apresentador da Circulando TV de Araraquara	pessoalmente
Vinícius Carrasco	ex-repórter da revista Época e da EPTV. Hoje é professor acadêmico.	pessoalmente

2.5 Custos do projeto:

Produto - serviço	Custo (em R\$)
Telefone	37,45
Transporte urbano	47,90
Passagem de ônibus Bauru-Araraquara	67,30
Impressão	15000,00
Encadernação	25000,00
Computador	1367,14
Gravador	49,10
Programa de edição de Imagens Adobe Photoshop CC2014	528,00
Programa de edição de vetores Adobe Illustrator CC2014	528,00
Programa de diagramação Adobe Indesign CC2014	528,00
TOTAL	43152,89

2.6 Equipamentos utilizados

Computador - próprio

Gravador - próprio

Programa de edição de imagem Adobe Photoshop - próprio

Programa de edição de vetores Adobe Illustrator - próprio

Programa de diagramação Indesign - próprio

2.7 Atividades desenvolvidas

Fiz entrevistas *in loco*, por *e-mail* e *chat* do *Facebook*. Também realizei coletas de dados em pesquisas quantitativas e qualitativas, bem como artigos acadêmicos sobre os assuntos tratados na obra.

A diagramação feita por Fernando Labanca de George e a ilustração da capa do livro feita por Vicent Lyh. A revisão do texto do livro ficou por conta de Yuri Fioravante.

3. COMENTÁRIOS

3.1 Dificuldades encontradas

Acredito que uma das maiores dificuldades na execução desse projeto foi a de aprender como inserir tantas experiências importantes na história do livro. Resumir em um livro tão pequeno, tantas experiências que marcaram a vida profissional de tantos jornalistas e outros profissionais entrevistados. Também foi difícil delimitar ideias e prioridades no projeto e compôr toda a ideia de uma forma simples de acordo com o tempo e recursos disponíveis.

Outra dificuldade foi a de lidar com uma data apertada para a execução de um projeto tão grande e, durante a greve, lidar com a ausência dela. Confesso que sem um prazo visível, foi mais fácil para mim e meus colegas se desviarem um pouco da realização do projeto por algum tempo, o que causou atrasos e a não realização das ilustrações no interior do livro.

3.2 Considerações finais

Para mim foi muito gratificante desenvolver esse projeto. Acredito que consegui resumir nas páginas do livro meus quase cinco anos de experiências e aprendizagens na UNESP. O planejamento, as entrevistas e as pesquisas só foram possíveis porque os professores da UNESP, bem como outros profissionais da área, me ensinaram como fazer isso. E também na minha escrita cheia de meus pontos de vista, opiniões e enquadramentos para histórias só foram construídos dessa maneira por causa das vivências na universidade. Por isso, esse livro não é só experiências dos outros, mas um resumo também de minhas vivências como jornalista.

Dessa forma, concluo que esses meses de dedicação a esse projeto me serviram como uma grande aula de jornalismo, me ajudando a tirar várias dúvidas que ainda tinha sobre a profissão e fazer contatos e amizades muito valiosas que levarei para minha carreira e para vida.

Fico na torcida e me esforçarei para que esse livro vá além de uma apresentação de um Projeto de Conclusão de Curso, pois quero que ele realmente cumpra o objetivo ao qual foi desenvolvido: ajudar a nova geração de jornalista a tomarem consciência dos desafios que enfrentarão pela frente na profissão, tanto dentro quanto fora da redação, e lógico, também das alegrias da profissão. E que, com essas informações, esses novos jornalistas possam lutar por melhores condições de trabalho e a execução de um jornalismo ético, de respeito ao ser humano.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO. **Apesar de mau resultado, Brasil deixa lista de cinco países mais perigosos para jornalistas.**

Disponível em: <http://abraji.org.br/?id=90&id_noticia=2690>. Acesso em: 24 ago. 2014.

AÇÃO INTEGRADA. **Site oficial do projeto Ação Integrada.** Disponível em:

<<http://www.acaointegrada.org>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue:** um estudo do sensacionalismo na imprensa. 47. ed. São Paulo: Summus Editorial Ltda, 1994. 158 p. (Novas buscas em comunicação)

BARBERO, Heródoto. **Manual do Radiojornalismo.** 2. ed. [s.l.]: Campus, 2003.

BBC NEWS. **Brasil é 1º em mortes de jornalistas nas Américas, diz ONG.** Disponível em:

<http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/02/140212_jornalistas_brasil_df_dg.shtml>. Acesso em: 24 ago. 2014.

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

BRITO FILHO, J. C. M. **Trabalho com redução do homem à condição análoga à de escravo e dignidade da pessoa humana**. Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br/trabalho_forcado/brasil/documentos/dignidadetrabalhoescravo.pdf>. Acesso em: 26 maio 2014.

CORTEZE, P. A. **O jornalismo investigativo e o “trabalho dos cortadores de cana”**. 1. ed. Pato Branco: [s.n.], 2010. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/redemc/2010/Artigos/O%20JORNALISMO%20INVESTIGATIVO.pdf>>. Acesso em: 4 jun. 2014.

COTA, F. D. R. **Os divisores do salário mensal**. 1. ed. [s.l.]: Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região, [s.d.]. Disponível em: <http://www.trt3.jus.br/escola/download/artigos/divisores_salario_mensal.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2014.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE JORNALISMO. **É preciso garantir a segurança e o trabalho dos jornalistas e da população**, em 13 de junho de 2014. Disponível em: <<http://www.fenaj.org.br/materia.php?id=4129>>. Acesso em: 23 ago. 2014.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE JORNALISMO. **Manual de Assessoria de Comunicação**. 4. ed. Brasília: FENAJ, 2007. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/mobicom/manual_de_assessoria_de_imprensa.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2014.

FOREST COMUNICAÇÃO. **Trabalho Escravo - Ação Integrada**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eCvkKmNpOP0>>. Acesso em: 17 maio 2014.

FLORESTA, Cleide; BRASLAUSKAS, Lígia. **Técnicas de reportagem e entrevista**. São Paulo: Saraiva, 2009.

GUANAIS, Juliana Biondi. **Os cortadores de cana e as lutas pelo controle de sua produção: a experiência do Quadra fechada em Cosmópolis/SP**. Mestrado, UNICAMP, 2010.

HILLSTROM, Kevin; COX, Archibald; DEAN, J.W. et al. **Watergate**. Detroit, MI: Omnigraphics, 2004.

HUNTER, Mark Lee. **A investigação a partir de histórias**. 1. ed. Montevideo: UNESCO, 2013. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002264/226456por.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

KUCINSKI, Bernardo. **A síndrome da antena parabólica**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

MAFEI, Maristela. **Assessoria de imprensa**. São Paulo: Contexto, 2004.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **OIT lança projeto e apresenta novos dados sobre Trabalho Escravo**, em 19 de maio de 2014. Disponível em: <<http://www.oitbrasil.org.br/content/oit-lanca-projeto-e-apresenta-novos-dados-sobre-trabalho-escravo>>. Acesso em: 23 maio 2014.

OLIVEIRA, Cida. **Cortadores de cana adoecem e morrem por conta de pagamento por produção**, em 8 de fevereiro de 2013. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/02/cortadores-de-cana-adoecem-e-morrem-por-conta-de-pagamento-por-producao/>>. Acesso em: 19 maio 2014.

OLIVEIRA, Maurício. **Manual do Frila: o jornalista fora da redação**. Florianópolis: Contexto, 2010.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PESAROSO, R. N. **A Produção do Discurso de Informação num Jornal Sensacionalista**. Rio de Janeiro, UFRJ/Escola de Comunicação, 1983.

PILAGALLO, Oscar. **História da imprensa paulista**. São Paulo, SP: Três Estrelas, 2011.

RAINHO, João Marcos. **Jornalismo Freelance: Empreendedorismo na Comunicação**. São Paulo: Sumus, 2008.

REIS, Thiago; MILLER, Gustavo. **Trabalho escravo existe?**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/trabalho-escravo-2014/platb/>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

REPÓRTER BRASIL. **Lista Suja do Trabalho Escravo**. Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/listasuja/resultado.php>>. Acesso em: 15 maio 2014.

REPÓRTER BRASIL. **Perguntas e respostas sobre trabalho escravo e a PEC 57A/199 (ex-PEC 438/2001)**, em maio de 2013. Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/trabalho-escravo/perguntas-e-respostas/>>. Acesso em: 15 maio 2014.

RIBEIRO, Alex. **Caso Escola Base: Os Abusos da Imprensa**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

RODA VIVA. **Roda Viva - André Liohn - 30/04/2012**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SG020xwbFG0>>. Acesso em: 9 abr. 2014.

SAKAMOTO, Leonardo. **A economia da escravidão**, em 4 de abril de 2006. Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/2006/04/a-economia-da-escravidao/>>. Acesso em: 15 maio 2014.

SENADO. **Ação Integrada para reinserir egressos do trabalho escravo é lançada em audiência pública | Notícias JusBrasil**. Disponível em: <<http://senado.jusbrasil.com.br/noticias/100497957/acao-integrada-para-reinserir-egressos-do-trabalho-escravo-e-lancada-em-audiencia-publica>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

Senado.gov.br,. **Atividade Legislativa - Projetos e Matérias**. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=105791>. Acesso em: 29 ago. 2014.

SILVA, M. A. M.. **Trabalho e trabalhadores na região do mar de cana e do rio de álcool**. Agrária (São Paulo. Online), n. 2, 2005.

SILVA, M. A. M.. **Trabalhadores Rurais: a negação dos direitos**. Raízes, v. 27, n. 1, p. 29–42, 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis, SC: Insular, 2005.

TVNBR. **Documentário mostra o cotidiano e condições de trabalho de cortadores de cana-de-açúcar**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZfmhyDjbxm8>>. Acesso em: 16 maio 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Perfil do jornalista brasileiro**. 1. ed. [s.l.: s.n.], 2012. Disponível em:

<<http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>>.

Acesso em: 2 maio 2014.

VASQUEZ, Pedro. **Biografia de Walter Firmo | Brasil Memória das Artes**. Disponível em:

<<http://www.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/acervo/infoto/biografia-de-walter-firmo>

>. Acesso em: 9 abr. 2014.

VINÍCIUS CARRASCO. **Fiscalização encontra irregularidades em fazenda de Arealva, em São Paulo**. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=n9TMIWPzl-I>>. Acesso em: 16 maio 2014.

WROBLESKI, Stefano. **Dez anos depois, cinco acusados pela Chacina de Unai ainda não foram julgados**, em 28 de janeiro de 2014. Disponível em:

<<http://reporterbrasil.org.br/2014/01/dez-anos-depois-cinco-acusados-pela-chacina-de-unai-ainda-nao-foram-julgados/>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

WROBLESKI, Stefano. **Pistoleiros acusados de matar fiscais do trabalho são condenados à prisão**, em 31 de agosto de 2013. Disponível em:

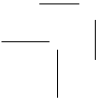
<<http://reporterbrasil.org.br/2013/08/pistoleiros-acusados-de-matar-fiscais-do-trabalho-sao-condenados-a-prisao>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

YORKE, Ivor. **The technique of television news**. London: Focal Press, 1987.

Quero ser jornalista
Amanda também

O que você quer ser quando crescer?

Jéssica Lane



FICHA TÉCNICA

1ª edição

Jéssica Lane Custódio

ILUSTRAÇÃO: Vincent Lyh

DIAGRAMAÇÃO: Fernando Labanca de George

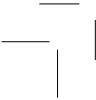
REVISÃO: Yuri Fioravante

ORIENTADOR: Juarez Xavier

Projeto de Conclusão de Curso da Cátedra de Comunicação Social -

Jornalismo da UNESP

Bauru, São Paulo / 2014



Agradeço primeiramente a Deus, aos meus amigos Lyh, Fer e Yuri pela ajuda.

À minha mãe e ao Vitor por terem me aguentado só falar de jornalismo e TCC por todo esse tempo. Ao professor Juarez e também ao professor Max pela paciência e aprendizagem.

E, lógico, a todos os entrevistados que me deram histórias lindas de suas profissões e vida que ajudaram a compor a colcha de retalhos que é esse livro.



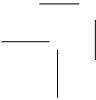
Apresentação

Não quero me demorar numa apresentação muito longa, porque quero que você leia logo esse livro, que o devore rápido, tire suas conclusões dele e fique pensando, pensando, pensando. Pensando na sua futura profissão. Pensando no que vai fazer daqui pra frente. Pensando enquanto assiste ao jornal na televisão e sempre quando ler sua revista favorita.

Essa ideia nasceu enquanto ainda estava na faculdade de jornalismo. De certa forma, parece que a maioria das pessoas que entram no curso de jornalismo acaba se frustrando alguma hora ou outra. E daí, pensei que, se eu alguém tivesse me avisado como é realmente ser jornalista, sem esse glamour que falam, sem a fama, só a profissão, acho que ter ido para a faculdade com uma outra visão. Ops! Então por que eu não aviso isso pros outros? E assim surgiu esse livro.

No finalzinho do livro, contarei mais sobre como foi seu processo de criação desse livro, mas para que você não leia tudo às cegas, adianto que entrevistei 37 pessoas, entre jornalistas, estudantes ou outras profissões citadas no livro, para ver o que eles acham e como vivem nesse universo da comunicação. Daí criei essa história fictícia, que é uma colcha de retalho que une impressões dessa galera sobre o jornalismo e as suas experiências. Usei a realidade para criar uma ficção. Ou a ficção para contar a você uma realidade. Você decide.
Boa leitura.

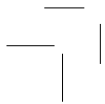
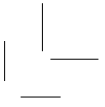
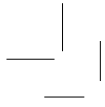
Se gostar da história, leia como foi feito tudo isso no final desse livro.



QUERO
SER
JORNALISTA

AMANDA também

O que você quer ser
quando crescer
?



1 COXINHA DE COLETIVA

"Jornalismo é publicar aquilo que alguém não quer que se publique. Todo o resto é publicidade."

George Orwell

Eu o conheci pessoalmente na festa de lançamento de sua campanha. Pelo jeito, eu parecia estar muito perdida no meio da festa de candidatura de Fábio Duarte para prefeito de Itauíta. Enquanto um dos fotógrafos do jornal foi tirar umas fotos extras das "subcelebridades políticas" do evento, resolvi ficar perto da mesa da comida. Estava sozinha, equilibrando nas duas mãos o bloco de anotações, a caneta, o gravador e um copo de refrigerante. E estava pensando em como pegar o salgadinho, quando senti alguém ao meu lado.

– Não me lembro de você. É nova na imprensa?

Quando vi que era Fábio Duarte, meu copo quase caiu em cima da minha blusa branca. Estava distraída, não esperava que o anfitrião da festa viesse falar comigo a não ser que eu tivesse que entrevistá-lo. E na verdade tinha, mas havia resolvido atacar o salgadinho primeiro.

– Sou sim. Primeiro mês no Diário de Itauíta.

– Prazer, Fábio Duarte.

Como se eu não soubesse. Uma das regras do jornal era nunca falar mal de Fábio Duarte, o irmão de Augusto Duarte, dono do Diário de Itauíta. Matéria que pudesse ser tendenciosamente contra ele, não saía. Não, de graça. Entre fuxicos na redação, me contaram que já aconteceu da oposição ter que comprar espaço no jornal para que saísse uma matéria contra o candidato. Além disso, não se pode publicar nenhuma foto em que ele saia feio ou de alguma forma que possa gerar uma interpre-

Quero ser jornalista. Amanda também.

tação negativa. Então, sim, eu sabia quem ele era.

– Amanda Sanchez, prazer. É uma bela festa!

O candidato me deu um aperto de mão efusivo.

– Obrigado, Amanda. – E sorriu. Tinha um belo sorriso, num rosto comprido e jovial, mas de olhar cansado.

– E está otimista em relação à sua campanha?

– Com certeza. Acho que o povo de Itauíta já cansou de escândalos políticos a cada mandato, e merece ter uma gestão com crescimento, com um prefeito honesto e compromissado, para encaminhar a cidade rumo a uma qualidade de vida melhor.

– E o senhor considera que será esse prefeito?

– Sim, ou então não me candidataria. – respondeu de imediato com uma certa aspereza, depois se corrigindo num sorriso, continuou – Meu pai fez um excelente trabalho na prefeitura quando estava vivo. Pretendo continuar esse legado.

– E a propósito: o senhor disse no seu discurso que uma das suas promessas de campanha era dobrar o policiamento civil e militar na cidade. Mas acho que isso não é responsabilidade da prefeitura, é responsabilidade do governo do Estado. Então como o senhor pretende fazer isso?

Ele sorriu de uma forma nervosa. Tentei não esboçar alguma emoção, mas achei aquilo engraçado. Queria ver como ele se sairia dessa.

– Não precisa me tratar de senhor. Tenho quase sua idade. Ah! Espere um pouquinho, só vou cumprimentar um amigo aqui.

– João Gouvêa, meu amigo!

– Oh! Meu amigo! Como você está...

Sabia que havia perdido o homem. Talvez devesse não ter ido com tanta sede ao pote. Poderia ter ganhado mais a confiança do cara. Agora seria difícil conseguir falar com ele de novo na festa ou talvez na vida.

Na vida não, estava sendo exagerada.

Pelo menos poderia voltar aos planos de pegar um salgadinho na festa. Coloquei o bloco e a caneta na mesa e peguei uma coxinha de frango. Voltei a observar a festa. A parte principal já havia passado. O partido convocou uma coletiva de imprensa para lançar o candidato a prefeito. Vamos dizer que a coletiva seja um bando de urubus em volta da carniça, só que são jornalistas em volta de um candidato a prefeito. Todos os jornais, TVs, revistas e portais de Itaúta vão para ouvir o que Fábio Duarte tem a dizer e fazer perguntas, com fome de uma boa notícia, esperando uma frase que possa render uma manchete no jornal ou uma chamada na TV. E também vão para comer uma boa coxinha.

Entre os assessores, relações públicas, políticos do partido e jornalistas, vi o olhar de Guilherme pedindo socorro. Só de olhar para ele, deu pra perceber que o tédio o consumia numa conversa chata com o vereador Nogueira. Dei risada. Sabia que conversar com o Nogueira sempre rendia horas e horas de papo furado. Uma vez, fazendo estágio numa rádio comunitária, fiz uma pergunta que rendeu meia hora de gravação, ou sonora, como dizem. Só aproveitei 15 segundos para a matéria.

Mas eu não sabia se queria salvar o Guilherme da conversa. Talvez ele merecesse ficar no tédio, afinal era o assessor de imprensa de Fábio Duarte. Se ele era preparado para falar (ou não falar) com a imprensa, era culpa do assessor. Mas não resisti àquela cara de coitado que ele faz sempre que quer um favor. Fui lá.

– Com licença, Guilherme. Desculpe interromper a conversa. O Fábio está te chamando.

– Só um minutinho, senhor Nogueira. Já volto.

E saímos rapidinho dali.

– Preparou muito bem seu assessorado, hein!

– Viu como sou competente? Ficou me zoando, falando que não iria

Quero ser jornalista. Amanda também.

me dar bem na política. Preparei todo o discurso dele, chamei a imprensa, preparei respostas para as possíveis perguntas que alguém poderia fazer. Se ele sair bem amanhã em toda a mídia, é por minha causa.

– Ah, desse jeito, prefiro que você volte para aquele blog de esporte da faculdade. O Fábio saiu de fininho da minha pergunta.

– Ah, isso ele não aprendeu comigo, aprendeu com o pai dele. Você se lembra quando entrevistei o pai dele?

– No primeiro ano da facul, para aquele trabalho da Kátia?

– Isso! Perguntei onde foi parar o dinheiro da reforma da creche no Jardim Simões. Ele só respondeu: “vá lá na creche e veja.” Entrou na sala e fechou a porta.

– O filho é igualzinho. Tem um pouco mais de educação pelo menos. – olhei para ele, enquanto andávamos, com uma certa nostalgia – Olhe como as coisas são. Eu me lembro que quando você saiu do projeto, disse que não queria ver mais político na sua frente. Como você foi parar na assessoria de imprensa, hein?

– O salário é melhor e foi a primeira coisa que surgiu depois da faculdade. Não deu pra me dar ao luxo de escolher. E você? Não tem que matéria para escrever, não?

Já estava abrindo a boca para responder quando um homem nos interrompeu. Reconheci ser um dos relações públicas da festa. Parecia preocupado. E como não parecer? Tenho certeza de que havia muita pressão do partido para que o evento do lançamento de campanha ficasse perfeito e passasse a melhor imagem possível para a mídia.

– Oi, Guilherme. O Fábio quer falar com você. Disse que é urgente.

Entreolhamo-nos. Ele sabia que esse comentário havia aguçado minha curiosidade de jornalista. Mas duvido que ele fosse me contar alguma coisa a mais do que o resto da imprensa já sabe.

– Vou pra lá, Amandinha. Depois a gente se fala.



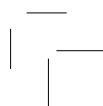
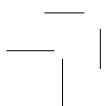
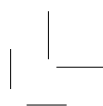
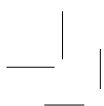
Jéssica Lane

Senti o celular vibrar no bolso da calça. Como sempre, era do jornal. Já fazia um tempo que no histórico do celular só tinha chamada do jornal e da minha mãe.

– O motorista está indo pegar você para uma apuração. – disse meu editor, do outro lado da linha.

– O que aconteceu, Alexandre?

– Um assassinato.



2 A PERGUNTA QUE NÃO SAÍDA DA CABEÇA

“A natureza do jornalismo está no medo. O medo do desconhecido, que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer.”

Felipe Pena

Aquilo não foi nenhuma novidade. É comum na redação, o repórter sair para fazer a cobertura de uma festa e logo depois ir para o velório de alguém que morreu de uma forma muito trágica. Ou então ir para a polícia, para cobrir algum crime de furto ou assalto. Cada hora é uma surpresa. Depois da ligação do editor, chamei o fotógrafo e ficamos em frente ao diretório do partido esperando o motorista chegar.

O fotógrafo sentou na calçada, sem muitos rodeios. Com a bolsa da câmera ainda nos ombros, acomodou-a no colo e ficou ali. Resolvi me sentar também. Quando o silêncio começou a ficar constrangedor, tentei puxar assunto. Sabia que ele se chamava Paulo. Ou era João? Não sei. Mas fiquei com vergonha de perguntar isso.

– Trabalha há muito tempo como fotógrafo?

– Há um bom tempo, menina. Faz 37 anos. Comprei minha primeira câmera depois da faculdade de comércio exterior.

– Comércio exterior? Mas foi lá que você aprendeu a fotografar ou fez algum curso de fotografia?

– Não, menina. Não fiz curso não. Fui aprendendo a mexer nisso sozinho. Tirava foto de tudo, menos de todos. Não gostava de tirar foto de

Quero ser jornalista. Amanda também.

gente, sei lá porquê. Mas depois descobri que mostrar a vida das pessoas fazia bem pra mim e me ajudava a tirar uma revolta que tinha dentro de mim, porque nem sempre tive uma vida fácil.

– Mostrar o que acontecia as outras pessoas ajudava a mostrar o que já aconteceu com você?

Ele sorriu.

– Menina esperta, isso mesmo! Minhas fotos servem pra fazer às pessoas verem que as vezes na vida a gente tem que tomar uma nova direção. Eu aprendi assim, quando tive que sair do lugar pobre que eu vivia, se não hoje, não teria me formado e nem saberia fotografar.

– E como você foi parar no jornal?

– O dono do jornal viu uma série de fotos que eu fiz num jornal de outra cidade, sobre como era a vida na Amazônia. Nessa época eu era fotógrafo freelancer. Ele me contou sobre o projeto dele de jornal, falou que seria algo inovador. E era. No papel.

– Então está trabalhando aqui desde a fundação do jornal?

– Estou sim, menina. Já faz 25 anos.

A conversa deu uma pausa. Boiei por um tempo lembrando do dia em que meu pai me deu uma camerazinha digital e eu saí pela casa fotografando tudo que via.

– Gostaria de um dia trabalhar como fotojornalista. Acho que com o Fotojornalismo talvez eu consiga “escrever” o que vejo, – fiz o sinal de aspas com os dedos - compartilhar histórias. E fotografar é isso né... é emoção, é sensação, não se faz boas fotos sem se sentir o momento ou a história de uma pessoa ou lugar. Sei lá, pra mim, fotografar é chegar perto, o mais perto possível do fato. Isso ainda eu to vencendo, porque a gente ainda tem medo do chegar perto, mas é preciso. Um dia será preciso.

– Tá aí! – disse animado e apontou a câmera - Sabe mexer numa

dessas?

– Sei sim, aprendi na faculdade.

– Então posso deixar você tirar algumas fotos nessa próxima matéria.

Acho que devo ter dado um sorriso tão grande, que o Paulo (ou João, ou Pedro... whatever!), deu risada. De repente, ouvimos uma buzina. O motorista chegou.

Quando entramos no carro, fiquei no banco de trás, mas logo percebi a impaciência do motorista. Não que isso tenha me surpreendido. Nessa semana, ele me levou umas três vezes para fazer matéria, em todas elas, mostrou o mesmo jeito ansioso.

– Teria chegado mais cedo, mas essa avenida principal está um caos. Ninguém anda. Parece que ninguém sabe dirigir nessa cidade. – e disparou o carro, com pressa.

– Mas aconteceu algum acidente, alguma coisa? – perguntei.

– Não. Seis da tarde é assim mesmo. Todo mundo resolve sair do trabalho e andar no mesmo lugar. E vira esse caos... sai da frente, palhaço! – e buzinou para um carro logo a sua frente – O pessoal nessa cidade não sabe dirigir. Faz tudo errado. Olha outro aí. – tirou a cabeça para fora do vidro – A seta!!!

Ontem, ele tinha me dito que trabalhava há vinte anos como motorista. Fiquei me perguntando se ele sempre foi assim tão estressado. Depois de alguns minutos imaginando isso, abstraí, e tentei me concentrar no que poderia escrever na matéria do lançamento da candidatura. Será que era assim que imaginava que seria a rotina quando pensei em fazer jornalismo? Sempre me falaram da correria de ser jornalista, mas estar dentro dela é outra coisa. Sair de um lugar, já pensando em como escrever a matéria, mas ir para outro lugar, apurar informações completamente diferentes para escrever outra matéria depois que chegar à redação. Fui tirada dos meus pensamentos pela voz do fotógrafo.

Quero ser jornalista. Amanda também.

– Estamos chegando, menina. – e me entregou sua câmera – vamos ver como se vira com uma dessas.

Pendurei a câmera no pescoço, era mais pesada do que me lembrava. O carro parou no acostamento da rodovia, havíamos chegado ao local do crime.

– Boa noite para vocês! Já se passaram das seis. Estou indo pra casa! – disse o motorista com alegria e uma impaciência característica na voz.

Respondemos “boa noite” e logo que saímos do carro, o motorista foi embora, para deixar o carro da empresa no estacionamento e correr para sua casa a tempo da janta. Por falar em comida, são seis horas. Estou perdendo a hora do lanchinho na cozinha do jornal.

Quando me aproximei vi que a cena não era muito agradável. Duas viaturas da polícia estavam no local, e os policiais se concentravam perto do corpo, comentando e fazendo anotações. Um homem estava estirado no chão ensanguentado no acostamento da rodovia. Tudo indicava que fora morto não havia muito tempo. Nunca tinha visto uma pessoa morta a tiros na minha vida. A câmera ficou ainda mais pesada, não só pelo peso em si, mas se ainda não estava preparada para ver essa cena, quanto mais fotografar.

– Eah! Talvez outro dia. – devolvi a câmera ao Paulo... Pedro... João.

Eu não sabia muito bem o que fazer. Talvez soubesse, já que estudei quatro anos para isso. Mas ver aquele cadáver inanimado, desfigurado por marcas de tiro me fez esquecer todo o procedimento. Mas ao mesmo tempo, me dava uma sensação estranha olhar tudo o que acontecia ali ao meu redor, o coração batia numa certa excitação, pois me sentia em meio a uma cena de filme de suspense policial.

– O policial está ali, menina. Vai! – ouvi a voz do fotógrafo, e senti um pequeno empurrãozinho.

Cheguei até ele.

– Boa noite. Sou Amanda, repórter do Diário de Itauíta. Podemos conversar sobre o que aconteceu aqui?

– Positivo.

Tirei o gravador do bolso e liguei.

– Qual o seu nome?

– Sargento Vieira. Adolfo Vieira.

– Boa noite, Sargento Vieira. O que ocorreu aqui?

– O COPOM recebeu a ocorrência de um possível homicídio e viemos no apoio pra localidade onde o incidente ocorreu. Quando chegamos para a averiguação no local, nos deparamos com o corpo já inanimado, com cavidade feita por dois projeteis balísticos na região do tórax, e um na cabeça. O mesmo veio a óbito em virtude dos ferimentos e o meliante evadiu do local do crime. Os reforços já estão a caminho para procurar o fugitivo nas imediações da via.

É impressão minha ou eu não entendi nada? Acho que ele quis dizer que o cara levou um tiro na cabeça e dois no peito e morreu e o assassino fugiu.

– Isso significa que o homem levou um tiro na cabeça e dois no peito e morreu, e o assassino fugiu?

– Positivo. A vítima recebeu dois tiros no tórax e um na cabeça. - e me olhou com uma cara de quem queria dizer “óbvio!”

– E já tem a identificação da pessoa?

– Encontramos documentos na carteira que atestam que o indivíduo se chamava José Carlos da Silva e tinha 42 anos. Já contatamos a família para que venha fazer o reconhecimento do corpo.

Anotei o nome do homem, a idade e “família vai reconhecer corpo”.

– Já há uma suspeita da policia sobre a causa da morte?

– Acreditamos que possa ter sido 157. – ele olhou a minha cara de

Quero ser jornalista. Amanda também.

“???” e completou – Latrocínio. Mas cabe a perícia averiguar melhor o caso.

Essa palavra eu sabia. Anotei “Roubo seguido de morte”.

O telefone tocou. Era o editor. Pedi licença ao policial e atendi.

– Já fez a entrevista? Fale o que aconteceu pra gente publicar no site.

– Um homem de 42 anos foi baleado na rodovia BR 85. A polícia identificou como José Carlos da Silva. A família está vindo reconhecer o corpo. Sofreu dois tiros no peito e um na cabeça. A polícia acredita que seja latrocínio.

– Qual Km da rodovia?

– Não sei. Não tem nenhuma placa...

– Quem te falou isso foi da polícia civil, militar ou rodoviária? Por que a polícia acha que foi latrocínio?

– Eu não per...

– Já sabem a profissão da vítima? O que ele fazia sozinho na rodovia?

Fiquei com vontade de rasgar meu diploma. Não tinha pensado nem em metade daquelas perguntas. E parecia ser tão óbvio pensar nessas coisas. Vi algumas pessoas se aproximando. Pareciam ser os parentes da vítima.

– Em um minuto te ligo e falo isso. Acho que a família acabou de chegar. Pode publicar as informações que já te falei. – ou seja, quase nada.

Vi uma mulher de cabelos grisalhos, muito magra, de pele morena se aproximando a passos lentos para o local em que o corpo estava. Junto com ela, estava uma mulher baixa, jovem, também morena com um aspecto cansado, segurando a idosa com delicadeza pelo braço. Mais a frente estava um moreno forte, de cabelos lisos e um rosto de aparência fechada. Tirou o chapéu, com um jeito submisso, baixou o olhar e pediu permissão para os policiais para se aproximar do corpo. Quando ele ficou perto de mim, pude notar que ele tinha raiva no olhar. Ouvi o

rapaz gritar para mãe:

– Não vem aqui perto ainda não, mãe. Vou ver se é o Zeca.

Ele deteve seu olhar no homem inanimado no chão. Eu estava perto, então consegui ver bem o seu olhar, que sem se desviar do corpo, transformou-se de raiva à tristeza e enchendo-se de lágrimas. Ele levou a mão na cabeça e agachou. Parecia querer conter um grito na garganta. Sua mãe e a outra mulher entendeu o que aquilo queria dizer. Elas se aproximaram do corpo de José. Vi que a mulher mais nova falava pra idosa não olhar, mas ela se recusou, olhou para o homem e começou a chorar e logo o seu filho a abraçou. Pelo jeito, ela parecia ser a mãe da vítima. A mulher se agachou e pegou na mão de José, e chorava, dizendo algumas coisas que não conseguia ouvir tão bem, por ela falar muito baixo.

Parei de olhar para os dois, e resolvi falar com a perícia que havia chegado no local, e estava estudando os detalhes. Um homem de olhos grandes e uma barba grande e grisalha, de dar inveja a muitos hipsters, me contou que, tudo indicava que a pessoa que tinha matado José, estava escondido no meio da plantação de cana-de-açúcar e saiu pela parte mais aberta da cerca e tentou render o homem, mas ele reagiu e saiu correndo. E o cara o baleou ali.

– Mas crimes de roubos parecidos com esse costumam acontecer com frequência aqui na região?

– Na verdade, dessa maneira, não muitos. Mas estamos colhendo essas informações e vamos analisar se foi isso mesmo que aconteceu.

Percebi que o “hipster” não tinha muito mais para falar. Agradei pela entrevista e decidi falar com a família, que estava com os policiais, dando informações sobre a vítima.

– Não senhor, meu filho não tinha inimigo, não. Meus filhos sempre trabaiaro, sempre foro trabaiador.

– No que o José trabalhava?

Quero ser jornalista. Amanda também.

– Tanto eu, quanto o Zeca sou cortador de cana.

– E hoje era dia de pagamento? Ele saiu com alguma quantia em dinheiro da fazenda?

– Não, não era, não. Não era dia de pagamento não, senhor.

Senti os olhares surpresos para mim quando abri a boca e fiz uma pergunta:

– Em que fazenda vocês trabalham?

– É a fazenda do dotô Fábio Duarte, senhora.

Ai ai! Duas notícias o envolvendo num só dia. É muito pra mim. Será que as manchetes vão sair uma do lado da outra? “Fábio Duarte lança sua campanha a prefeito.” e “Ah! A propósito, um funcionário da fazenda dele foi assassinado hoje.” Acho que vou ser a repórter preferida dele se eu fizer isso.

Aproveitei as outras perguntas que os policiais fizeram sobre a rotina da vítima e anotei o que julgava ser mais relevante. A mãe contava em lágrimas que o seu filho mais velho era um bom homem. A mulher falava que iria se casar com ele logo que a colheita acabasse. E o irmão estava quieto, olhando o corpo. Ele estava com um olhar de quem queria mover céus e terras para acabar com a raça de quem havia feito aquilo com o irmão. Pelo menos, para mim pareceu isso. Não sei. Pelo que conversei com o sargento Vieira depois, ele ainda acreditava na hipótese de ter sido roubo, já que, pelo depoimento da família, José parecia ser um cara tranquilo.

Dessa vez veio outro motorista nos buscar. Esse era bem quieto. Comentava uma coisa ou outra sobre algo que via na rua, mas não era de muitas palavras. Que bom, porque não queria conversar. Não saía da cabeça a pergunta: por que alguém tentaria roubar alguém que visivelmente parece não ter nada?

3

HORA EXTRA, BATATA RECHEADA E FURO

"O jornalismo irá te matar, mas irá te manter vivo,
enquanto o estiver exercendo."

Horace Greeley

Cheguei no jornal faltando 20 minutos para o fim do meu expediente e com duas matérias para escrever. Logo concluí o inevitável: vou ficar hoje até mais tarde escrevendo isso. Lembro que no primeiro dia de trabalho isso ainda não era tão óbvio, então o editor me "convidou" a ficar um pouco mais até que eu terminasse meus afazeres. Hoje isso já se tornou bem óbvio.

Se eu ganhasse hora extra, usaria esse dinheiro para comer uma batata recheada bem grande, no Potatões, um restaurante bem da hora que abriu esses dias perto de casa. Mas como eu não recebo hora extra, eu não vou.

É difícil falar sobre hora extra, e sempre me deixa nervosa pensar nisso. Segundo as leis trabalhistas, um jornalista trabalha 5 horas por dia. Lindo, não é? Mas não é assim que as coisas funcionam normalmente nas redações. Aqui tenho um acordo de trabalhar 7 horas por dia – a maioria dos jornalistas do turno da tarde aqui tem esse acordo. Nesse jornal não tem cartão de ponto, porque o chefe fala que não tem como controlar o expediente dos jornalistas porque sempre saímos muito, então não há o controle de que horas saímos ou entramos. Isso seria o trabalho dos sonhos, mas aí de mim se eu chegar 5 minutos atrasada.

Quero ser jornalista. Amanda também.

E aí de mim também, se eu sair daqui sem entregar as matérias prontas. Ou seja, não trabalho só 7 horas por dia. Mas como não tem ponto, não tem como exigir as horas extras.

Segundo as leis trabalhistas, hora extras em dia de semana vale 50% a mais que o horário normal. Ou seja, por exemplo, se eu ganhasse 10 reais por hora normal, a minha hora extra teria que valer 15 reais. E no fim de semana, a hora extra é 100% a mais, ou seja, usando o mesmo exemplo, seria 20 reais. Isso sem contar adicional noturno, que é de 20% a mais da hora normal. Mas a realidade não é assim: eles não me pagam isso.

Então, para “compensar”, o jornal usa um sistema chamado Banco de Horas, ou seja, o tempo em que eu trabalho a mais, posso tirar folga. Eu não acho justo, porque ninguém trabalha para ter o “direito” de tirar folga e também porque a hora extra pode chegar a valer o dobro da hora normal em dinheiro.

Deu para ver que é um assunto que me deixa nervosa. Mas ah... vou usar esse tempo para fazer algo que estou com muita saudade: dormir até tarde. Sempre acabo usando essas horas pra isso, no fim das contas.

Voltando ao assunto, cheguei à redação, sentei na minha mesa e liguei o computador para começar a escrever a matéria do assassinato, já que era o assunto que estava mais fresco em minha mente. Lembrei que ainda precisava confirmar uma informação.

- Gui! É a Amanda. Tudo bem?
- Na medida do possível sim.
- Posso falar com o Fábio Duarte rapidinho?
- Poder... na verdade, não pode. Ele está ocupado agora. O que você precisa saber sobre a campanha?
- Não é a campanha. É que... – tenho certeza que ele sentiu a hesitação na minha voz – um homem morreu na rodovia BR 85. Ao que pa-

rece, foi latrocínio. A família que identificou o corpo disse que o homem trabalhava na fazenda de Fábio Duarte.

– Sim, fiquei sabendo. José Carlos da Silva, não é?

– Sim. Ele trabalha mesmo na fazenda do Fábio?

– Trabalha. É cortador de cana.

– O Fábio tem alguma coisa para falar sobre o assunto?

– Sim, tem sim. - ouvi pelo telefone ele mexer num papel – Ele pediu para dizer que lamenta o que aconteceu, e que vai ajudar no que for possível as investigações da polícia para resolver o caso. E que José Carlos da Silva era um trabalhador exemplar e um bom homem. – disse com a voz de quem estava lendo algo.

Quando desliguei o telefone, o editor apareceu magicamente ao meu lado, discreto como um fantasma (ele sempre faz isso) e me fez pular na cadeira de susto quando ouvi o som da sua voz:

– Amanda! Capriche na matéria do assassinato, que ela vai ser capa da edição de amanhã.

– Do assassinato?

– Sim, do assassinato. Descobriu mais alguma coisa importante?

– O homem era cortador de cana. A família toda, na verdade. Não tinha nenhum inimigo, então a polícia acha que foi latrocínio mesmo.

– Entendi.

Ele já estava pensando em sair quando resolvi dizer:

– Mas tem mais uma coisa.

– O que?

– Ele era trabalhador da fazenda do Fábio Duarte.

O editor torceu a cara. Olhou para o editor chefe, como querendo ver se ele tinha ouvido o que eu disse. Depois voltou o olhar para mim e com cumplicidade, piscou. Em um mês já havia entendido que esse era o seu passe verde para escrever. E por que não escreveria? Aquilo

Quero ser jornalista. Amanda também.

aconteceu mesmo, é verdade. Tenho que parar de me censurar.

Comecei a escrever a matéria. Fiz o esboço das informações mais importantes do que aconteceu. Quem fez o que? Onde, quando, como e porquê? Depois disso, dei uma ajeitada e o primeiro parágrafo estava pronto. Esse é o famoso “Lead”, ou “lide” para nós brasileiros. É a primeira coisa que você aprende quando entra na faculdade. É uma receita que te ensinam para que o primeiro parágrafo seja um resumo das informações principais do assunto. Aí depois disso, os professores te ensinam que a imparcialidade não existe e quebram os sonhos coloridos que a mídia te vendeu a vida toda. Pronto! E isso foi o primeiro ano da sua faculdade.

Enquanto escrevia o resto dos parágrafos, recebi uma mensagem no celular. Era o Guilherme.

“Potatões, hj a noite?”

“:O Você leu meus pensamentos! Como sabia que eu estava com vontade de comer lá?”

“Intuição. Vc gosta de batata recheada, e agr abriu um perto da sua casa. Sabia q iria querer ir”

“Mas não sei, depende da hr q vou sair do jornal”

“:’(Please!”

“ Tá bom.. tá bom. Eu vou.”

Não tem como recusar os convites do Guilherme. Ele sempre adivinha os lugares perfeitos pra gente se divertir. Desde a faculdade foi assim. Ele tem um sexto sentido em saber onde é o melhor lugar para dar risada. Mesmo que esse lugar seja sala de casa, vendo um filme ou uma rua vazia de madrugada.

Cheguei com a cabeça pesada em casa. Na verdade, tudo que eu queria era deitar e assistir qualquer coisa na TV que não fosse tão complicado a ponto de ter que pensar. Deitei no sofá, e liguei a televisão,

ensaiando como dizer ao Gui que não iria. Ouvi o celular tocar. Certeza que era ele. E era.

– Está pronta?

– Acabei de chegar, Gui. Acho que não vou, não. Estou muito cansada.

– Você vai ter que fazer comida, não vai?

– Ah... vou. Mas posso pedir também.

– Então fique paradinha aí onde está. Não se mexa e nem pense em se aproximar desse telefone para pedir alguma coisa.

– Ok! - não entendi nada, mas como eu estava com preguiça mesmo, concordei.

Uma hora depois ele apareceu na porta de casa, com uma caixinha escrito Potatões. Fiquei numa felicidade imensa, como se o dia tivesse começado de novo. E dessa vez com o pé direito. Dei pulos de alegria e o chamei logo para dentro, e já corri para pegar pratos e talheres para comermos aquelas delícias na mesa. O cheiro estava ótimo!

Devorei aquelas batatas recheadas como se fosse a cosa mais maravilhosa que já vi na vida. Ele também comeu, enquanto me ouvia falar sobre o que ainda ocupava o meu pensamento: o trabalho.

– O que eu não consigo entender é que era visível que não tinha nada para se roubar dele. Por que alguém iria querer assaltar alguém assim? Nem era dia de pagamento.

Ele estava quieto, mas eu não tinha percebido isso naquela hora. E eu continuava a falar.

– Como as pessoas são más, não é? Foi horrível ver aquela família triste pela morte dele. E que coincidência, não é? Justo alguém da fazenda do Fábio Duarte...

– Coincidência...

Tirei a atenção do prato e olhei para ele. Eu sabia o que significava

Quero ser jornalista. Amanda também.

esse jeito de falar.

– O quê?

– O que o quê?

– Esse jeito que você falou. O que você quer dizer?

– Não falei nada. Só falei que era coincidência. Só isso.

– Não. Você não falou isso. - ai que confuso explicar isso! – Você falou. Mas não quis dizer isso.

– Você tá louca, Amanda.

Ficamos quietos, com aquilo pairando no ar, enquanto terminávamos de comer. Eu sabia que ele tinha algo para me contar, e sabia também que aquilo poderia custar o emprego dele. Então era melhor que eu só recebesse aquele suspiro como dica, e que ele não falasse mais nada.

– Amanhã de manhã tem reunião do partido, então acho que já vou pra casa.

– Tudo bem. Obrigada pela comida. Quanto ficou? - e coloquei a mão no bolso para pegar a carteira.

– Não, não precisa. Dessa vez é por minha conta. Na próxima você paga.

Dei um sorriso. Fiquei sem graça de insistir mais para pagar a conta, porque o clima estava pesado (e porque estava meio sem grana mesmo). Ele parecia preocupado, como se uma nuvem cinza pairasse sobre sua mente. Eu o acompanhei até a saída. Destranquei e abri a porta.

– Tchau - e fui dar um beijo em seu rosto.

Ele me abraçou com força, de um jeito diferente do que já havia me abraçado, com todo seu corpo, como se quisesse me proteger e mostrar o que estava dentro de si. Senti meu coração bater muito forte, um frio na barriga. Queria controlar isso, mas não podia. Ele então, disse no meu ouvido:

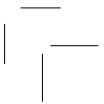
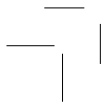
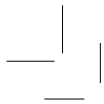
– O enterro do José vai ser às 10 da manhã, no cemitério da Paz. Não



Jéssica Lane

conte pro jornal. – e me soltou. – Tchau, Amanda.

Ele saiu. E eu fiquei ali parada vendo ele abrir a porta do carro e ir embora (acho que estava com a boca aberta, não me lembro direito, mas tomaaaara que não!). Não sabia se deveria me sentir feliz por ter um furo de reportagem nas mãos ou idiota por ter me sentido estranha com aquele abraço.



4 ELA É TOP, CAPA DE... NÃO, PERA...

“Um editor de jornal é alguém que separa o joio do trigo – e publica o joio.”

Odlai Stevenson

No outro dia, estava lá de manhã no cemitério. Eu não sabia o que esperava encontrar, mas se o Guilherme estava tão preocupado, sabia que poderia ser algo grande. Mas o quê? Eu realmente não fazia ideia, e olha que fiquei um bom tempo a noite sem dormir, tentando juntar as peças do quebra-cabeça. Mas elas ainda estão muito desconectadas e nada fazia muito sentido.

Quando cheguei no hall onde ficam as portas para as salas dos velórios, vi a última pessoa que queria ver nesse momento. Era Fábio Duarte entrando onde parecia ser o velório de José. Ele estava com o segurança e com Guilherme, e por sorte não me viu. Gelei na hora, e entrei por impulso na primeira porta que encontrei para não ser vista por ele.

– Droga! E agora? Como eu vou lá falar com a família? – falei para mim mesmo.

Peguei o celular e mandei mensagem para o Guilherme.

“Gui! O que o Fábio tá fazendo aqui?”

“Tava na agenda dele vir no velório”

“Mas como eu vou falar com a família com ele aqui?”

“Ele só veio dar uma passada pra não ficar feio pra ele, caso a mídia viesse. Logo logo vamos embora.”

Quero ser jornalista. Amanda também.

“Tem alguém da mídia aí?”

“Na verdade, não.”

Estava digitando outra mensagem, quando fui interrompida pela voz de uma mulher idosa, que parecia estar ao meu lado.

– Conhecia o Geraldo?

Olhei ao meu redor. Estava no velório de alguém que não conhecia. O problema era que, não sei porquê, todo mundo olhava para mim.

– Você é mais uma das amantes dele, ou alguma filha perdida? – disse uma outra mulher morena, que aparentava ter uns 50 anos, estava muito elegante. Ela estava falando muito alto. Eu não sou surda.

– Eu? Eu não...

– Ah! Pelo jeito que falou deve ser amante! Sabia que já expulsei umas três piriguetes daqui? Como pessoas como vocês tem coragem de aparecer no enterro do meu marido?!

– Mas eu não conheço...

– Ah! Agora você não conhece?! Então por que veio no enterro do meu marido?

– Calma, a senhora está muito abalada. - disse um jovem ao seu lado.

– E como não estaria, como não? Justo no dia da morte do meu marido, descobrindo o homem que ele era. Descobrindo filho, família, mulher em todo lugar?

– Eu sinto muito pela sua perda, mas eu não sou...

– Cale a boca, sua piranha!

Aquilo me deixou realmente nervosa. Meu primeiro impulso foi querer responder e falar poucas e boas para aquela mulher, mas vi Fábio Duarte passando pelo corredor, imponente, sem olhar para os lados e voltei a lembrar o que estava fazendo aqui. E não fui lá para brigar com aquela mulher que eu nem conheço. Saí sem falar nada, torcendo MUITO para não ser seguida pela viúva inconformada. E ufa! Ela não me

seguiu. Só ficou gritando algumas coisas pra mim, que eu preferi não dar atenção.

Fui para a porta onde estava a família de José. Me aproximei do caixão, com cuidado, tentando ser discreta. Lá estava ele. Fizeram um bom trabalho de maquiagem, porque estava muito diferente de como o havia visto ontem, estirado naquele asfalto. Parecia só estar dormindo tranquilo. Tudo seria mais fácil se eu pudesse acordá-lo para perguntar: o que foi que aconteceu? O que você sabia? Mas ele não estava dormindo.

Observei as pessoas que estavam no enterro. Como o Guilherme havia falado, realmente ninguém da mídia estava ali. Deu para perceber pelas roupas e o jeito de falar que todos eram trabalhadores do campo. Provavelmente também são da fazenda de Fábio Duarte. Ouvi alguém dizer sobre um ônibus que os esperavam lá fora. Ou seja, provavelmente depois do enterro, todos vão voltar ao trabalho. Será que a família de José iria trabalhar hoje?

Reconheci a mãe do morto, sentada numa cadeira quieta olhando para o chão. A nora estava ao seu lado, com o rosto inchado. Parecia não ter mais lágrimas para chorar. Respirei fundo e fui até elas.

– Bom dia! Eu sou a Amanda, a repórter que entrevistou vocês ontem. Eu sinto muito pelo que aconteceu...

– Um monte de repórter “*entrevistô*” a gente ontem. – disse a idosa, ainda olhando para baixo.

– Sim, eu imagino mesmo. Vocês teriam um tempinho para me responderem algumas dúvidas?

Eles não falaram nada.

– A polícia falou que a morte pode ter sido por latrocínio. Mas vocês acham que pode haver um outro motivo?

Elas se entreolharam.

– A gente não quer falar disso mais não. – disse a viúva.

Quero ser jornalista. Amanda também.

– Entendo. Mas veja bem, eu quero fazer de tudo para que o culpado seja realmente encontrado e responda pelo que fez. Então qualquer pista seria muito valiosa.

– E você é polícia ou é jornalista? - respondeu a viúva, se levantando da cadeira - “*Cêis*” do jornal “*quer*” é explorar a nossa dor. “*Colocar*” câmara na nossa cara, enquanto a mãe dele chorava. Não “*parô*” de nos atazanar. Agora aparece aqui no enterro do meu marido falando que querem que o culpado seja pego. “*Cêis*” querem notícia, isso sim. Hoje ele saiu no jornal e amanhã ninguém “*docês*” vai mais se lembrar de quem é ele. Se fosse rico, “*ceis*” iam passá na TV até o culpado aparecer. Mas ele é pobre. Nós somos tudo pobre, e “*oceis*” vão se esquecer da gente. A gente não quer usar nossa dor pra fazer “*ceis*” ganhar dinheiro.

Olhei em volta. Todos eles olhavam pra mim com raiva, como se eu fosse a personificação de toda exploração que eles já sofreram na vida. Achei que seria linchada naquela hora. Eu entendia o que ela estava falando. Também acho toda essa exploração que a mídia faz com a dor dos outros algo péssimo, mas como explicar para ela que eu não queria que as coisas fossem assim?

– Tu...tudo bem. Não quis incomodar. Sério. Sinto muito, mesmo.

– Acho que é melhor a senhora ir embora. Eu vou “*cocê*” até a porta.

– disse o irmão de José. Desde quando ele estava ali do meu lado?

– Obrigada.

Já na porta, disse a ele:

– Eu realmente quero poder fazer algo por vocês. Se tiver alguma coisa que queira me contar, ligue pra mim. – e dei meu cartão.

– Tá.

E voltou para dentro, sem dizer mais nada.

Foi um fiasco. Não consegui descobrir nada novo e ainda por cima

passei uma impressão completamente errada para a família do falecido. Mas, pelo menos a matéria deles já estava na capa do jornal de hoje, então, talvez por causa do destaque, quem sabe alguma informação pudesse chegar até mim? Já fiz a minha parte. Não posso obrigar a família a falar.

Peguei o ônibus e fui para o jornal. Fiquei pensando se havia algum outro modo de descobrir o que estava acontecendo. Eu poderia insistir para o Guilherme me contar o que sabe e aí eu poderia investigar não tão às cegas como fui hoje. Mas isso poderia custar o emprego dele. E eu sei o quanto ele precisa desse emprego. Ai! Chega disso! Eu fiz o que pude. Desencana, Amanda e vai trabalhar.

Chegando no jornal, o pessoal veio me parabenizar pela capa. Me senti melhor em saber que essa história não vai ficar no anonimato e que talvez outras pessoas consigam resolver o que eu não resolvi. Ainda. Mas aí, quando peguei o jornal nas minhas mãos, vi que a capa não era bem a que eu esperava.

Era sobre o lançamento da candidatura de Fábio Duarte.

Folheei para ver onde estaria a matéria sobre José. Ocupava o cantinho esquerdo da página esquerda do caderno de cidades. A matéria não tinha nem foto. As matérias de menor destaque são sempre colocadas em páginas pares como aquela. Isso porque, o nosso olhar para a leitura enxerga alguns lugares primeiro que outros. No japonês, por exemplo, seria diferente, porque eles leem da direita para esquerda. A matéria estava no último lugar que alguém olharia na página, sem nenhum atrativo visual. Meu texto não estava completo. Deu pra ver que cortaram algumas coisas para caber naquele espacinho. Mas pelo menos dizia que o homem trabalhava na fazenda do político.

Fiquei o dia todo inconformada. Acho que nem produzi direito.

Até postei no Facebook a minha primeira capa de jornal. Recebi 74

Quero ser jornalista. Amanda também.

curtidas e um compartilhamento no fim do dia, no link que postei sobre a minha primeira capa. O compartilhamento foi da minha mãe, com o título assim mesmo, em caixa alta: “VEJAM! A PRIMEIRA MATÉRIA DE CAPA DA MINHA FILHINHA. É A NOVA FÁTIMA BERNARDES.”

Desde o vestibular é comum sempre dizerem essa frase. Já até me acostumei e nem discuto mais. É comum, de fora da profissão, as pessoas acharem que o ideal de todo jornalista é aparecer na TV. Deve ser porque 65% dos brasileiros veem TV todos os dias da semana, mas apenas 6% leem jornal todos os dias. Se considerar os que leem jornais uma vez por semana, a porcentagem sobe para 24%. Sei disso porque fiz uma matéria disso no jornal semana passada. Por isso, talvez a visão do âncora apresentando o jornal seja mais familiar que as letrinhas miúdas do jornal. Muita gente, quando eu falo que sou jornalista, logo me perguntam em que canal eu apareço. Uma vez, quando estava na faculdade, disse a uma mulher que tinha conhecido numa entrevista de trabalho para uma papelaria, que o meu sonho era trabalhar como jornalista no jornal impresso ou numa revista. A resposta dela foi: “ah, não! Mas você ainda consegue ir para a TV. Você parece ser uma boa jornalista.”

Mas nem todo mundo quer isso. Nem todos querem as câmeras. Alguns preferem o anonimato de ter um nome em fonte pequena escrito logo antes de começar a matéria: “por Amanda Sanchez”. E espera que essa matéria possa fazer diferença para alguém.

Enquanto isso, estava aqui sentada em frente ao computador, ora escrevendo uma nota sobre a inauguração de uma nova escola no bairro Recanto da Estrela, ora no email, esperando a resposta de uma assessoria de imprensa sobre outra matéria. Logo depois da nota, terminaria o texto de uma reportagem que vai sair no caderno de domingo. Como o jornal no domingo tem muitos cadernos recheado de longas reportagens, alguns deles são fechados durante a semana. Eu estava escrevendo

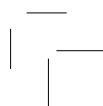
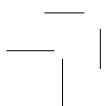
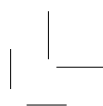
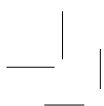
para o caderno de bem estar e saúde, e o deadline (prazo) era pra hoje.

Mas em geral, o dia estava parado hoje, tanto que o editor estava tirando umas matérias de gaveta para publicarem nessa edição. Matéria de gaveta são matérias que não são urgentes, então pode ser feitas em qualquer dia, principalmente em dias assim em que não tem nada acontecendo e precisam ocupar espaço do jornal com alguma coisa. O jornal de domingo está lotado dessas matérias. Não por não acontecer nada no domingo, mas pela dinâmica do jornal de fechar alguns cadernos antes e também pela equipe do fim de semana ser menor. No fim de semana só vem à redação os jornalistas que estão de plantão. Aqui no Diário, os jornalistas se revezam em plantões dois fins de semana no mês.

Ainda bem que hoje não saí tão tarde da redação hoje. Tinha ficado chateada demais com o que aconteceu de manhã. Não que alguém se importe com isso, veja a minha cara de chateada e me mandem para casa, mas ainda bem que os céus cooperaram comigo e fizeram com que nada de extraordinário acontecesse em Itauíta até a minha hora de ir embora.

Mas aconteceu depois disso. Estava indo para o ponto de ônibus, quando o celular tocou.

- Oi! É a jornalista?
- Huum... sim.
- Eu quero falar o que aconteceu com o meu irmão.



5 A ENTREVISTA QUE EU QUERIA PUBLICAR

"A imprensa é a voz dos oprimidos e o terror
dos malfetores."

Juarez Alves

O DOCE VALE BANHADO DE SANGUE

João Raimundo da Silva, cortador de cana-de-açúcar, denuncia as condições degradantes de trabalho na fazenda Doce Vale, propriedade do atual candidato a prefeito de Itaúta, Fábio Duarte. E conta também que a morte de seu irmão, José Carlos da Silva, pode ter sido por reivindicar seus direitos.

De onde você e sua família vieram e como chegaram a fazenda Doce Vale?

Eu vim pra cá porque me "*prometero*" um lugar bom pra morar e um salário bom. Eu morava em São João da Virassoca, no Maranhão. "Tava" sem serviço porque lá a seca "*tava braba*" e não tinha emprego pra ninguém que "*trabaia*" na terra como eu. E um homem chegou lá prometendo emprego "nas fazenda" de cana daqui e disse que era muito bom, que tinha lugar pra "*morá*", comida, e que dava pra enviar o dinheiro pra família se quisesse. Ele prometeu que ia dar pra ganhar por produção, mas que os "*rapaiz*" daqui acabava tirando uns quatro mil por mês. Quatro mil por mês dá pra muita coisa, não dá? Aí "*nóis viemo*", eu, meu irmão e minha mãe. Minha mãe não ia vir pra "*trabaiá*" na roça porque

Quero ser jornalista. Amanda também.

ela já “tá” de idade. “Nóis” não “*pudia*” deixar ela sozinha no sertão, então “*trouxemo*” ela pra cá pra “*vivê*” com “*nóis*”. Teve família inteira que veio “*co’s*” filho pequeno. Não sei se tudo esse pessoal pensava em colocar os filho pra “*trabaiá*” na cana. Tinha uns que queria por os filho na escola aqui, pra estuda as criança pra “*podê*” ter uma otra profissão. Mas aí chego as conta pra pagar, e aí quanto mais gente produzisse na família, melhor pra pagar as conta logo né?

Então tem crianças trabalhando na fazenda?

Tem sim. Acho que umas 5 ou 6 criança. Tem duas que acho que tem uns 8 ou 9 anos. Aí as outras são maior, tem uns 13 ou 14. Essas daí já tem força pra “*trabaiá*”, mas acho que tinha que “tá” estudando.

E o que aconteceu quando vocês chegaram?

Num foi nada do que “*combinaro*” com a gente. “*Botaro*” a gente num alojamento que fica 7 pessoas pra cada quartinho pequeno. O quartinho tem os “*cochão*”, uma pia. Embaixo da pia, no chão, a gente fez a dispensa que fica as “*comida*” que a gente vai “*comprano*”. E tem um fogão a lenha do lado de fora. O quarto “*tamém*” tem “*banhero*”, mas é pequeno pra todo mundo e a água é sempre gelada. É difícil “*vivê*” ali porque é muita gente “*pr’um*” lugar só, né.

O Zeca [José Carlos, irmão] não tava contente com isso não, mas ele ficou quieto no começo. A gente pensava que logo que recebesse o salário, se “*num*” melhorasse a situação, daria pra gente “*vortar*”. Mas aí o salário não chegou no primeiro mês porque tinha que descontar as conta que a gente tinha.

Contas?

Sim, as conta. As “*passage*” nossa do Maranhão pra cá. E ficou bem cara porque “*viero*” três, né. E minha mãe não “*trabaia*”, então num tem renda dela. Na verdade, ela limpa os quarto de todo mundo, faz comida pra “*nóis*”. Mas ela não ganha pra isso. E de conta também tinha as comida, as coisa que a gente usava. O patrão vai comprar lá na cidade e trás pra “*nóis*” as coisas que a gente precisa. E como as coisa são cara na cidade grande, dava “*dispesa*” pra gente e aí descontava no salário.

Por que você diz que as coisas são caras na cidade?

Ah, porque aqui é tudo caro, né? O saco de arroz de cinco quilo “tá” vinte reais, o óleo “tá” quase dez conto.

É esse o preço que o patrão cobra de vocês por cinco quilos de arroz e um litro de óleo de soja?

É sim. Eu pedi pra ver o caderno de contas no dia de pagamento.

Então vocês não receberam o salário por causa disso?

O patrão falou que foi isso. A gente pensou que no outro mês a gente ia receber, mas ainda “*saimo deveno*” no outro mês. Aí o Zeca ficou bravo. A gente falou pra ele não “*fazê*” isso, mas ele foi lá e fez. “*Peitô*” o chefe, “*falô*” que as conta “*tava*” errada.

Por que ele achava que as contas estavam erradas?

O jeito que eles usa pra medir o quanto de cana a gente “*cortô num*” é de confiança. A gente nunca vai lá na usina pra conferir quanto deu o peso do que a gente “*cortô*”. Eles usam umas conta estranha, chama campeão. Já “*tô*” acostumado, quase todo lugar mede assim. Mas pra falar a verdade, se for ver, esse jeito não é tão bom porque “*as vez*” parece

Quero ser jornalista. Amanda também.

que “*nóis cortô*” mais do que acaba dando nas conta da usina. Aí ele foi lá e “*falô*” isso pro chefe. Disse que além da medição “*tá*” estranha, pelas conta que ele fez a gente tinha que “*recebê*” um tanto de dinheiro aquele mês porque a gente não tinha feito tanta despesa assim. Mas o patrão não quis ouvi, não.

E quem é esse chefe?

É o Seu Tomé. Era o responsável por cuidar da fazenda, dos “*trabaia-dor*”. A fazenda é do doutor Fábio Duarte, mas ele nunca “*tá*” lá. Já vi ele umas duas vez lá, mas ele nunca conversava c’a gente. O Zeca tentou falar com ele, mas apontaram a arma pra ele e num deixaram. Mas isso foi agora no final. Acho que pode ter matado ele por isso.

Então não foi por roubo, como a policia falou?

Não. Acho que “*num*” foi isso não. O Zeca sempre foi muito fuçado. Ele ia atrás dos direito dele. Eles não “*tava*” fazendo a parte do acordo deles, tava só mentindo pra gente, então ele queria o que era dele pra gente sair daqui. A gente e a Maria.

E quem é Maria? É mulher dele? É aquela mulher que falou comigo no enterro?

É ela sim. Eles tão namorando... “*tavam*” namorando. Meu irmão co-nheceu ela aqui na fazenda, ele sentou do lado dela na jardineira vindo pra cá e depois disso se apaixonou por ela. Eles queria “*casá*” quando saísse daqui. Mas sem dinheiro num dá pra “*casá*”.

Entendi. Mas depois de ter falado com o patrão, o que aconteceu?

O Seu Tomé mostrou as contas do caderno pra ele. O Zeca insistiu

que tinha coisa errada lá, mostrou pro patrão nas própria conta dele, mas não teve jeito. O patrão se irritou e mandou ele ir “*trabaiá*”, senão ele ia “*descontá*” aquele dia dele.

Mas o Zeca num se deu por vencido não, senhora. Ele “*falô*” pra todo mundo sobre as contas e “*falô*” que era pra todo mundo se reuni e cobrar o patrão junto. Pra ele, se todo mundo se unisse, o patrão e os capanga não teria força lidar com tanta gente.

Eu falei pra ele que isso era locura. Os capanga do patrão anda armado na fazenda. Não deixa a gente sair, ameaça a gente de que se a gente “fizé” coisa errada, vai encher a gente de bala. Mas o Zeca não acreditava. Achava que a gente era mais que eles, por “tá” em maior número. E “tava” mesmo. Mas chegou na hora que a gente chegou no chefe, os guarda armado já sabia do que “tava” acontecendo e “tavam” lá tudo armado. Aí os cara foi dando pra trás, baixando a cabeça e não conseguimos nada. Tive que tirar o Zeca lá de perto do patrão a força porque sabia que boa coisa não ia dar, porque ele é cabeça quente. Mas mesmo assim, no fim da tarde pegaram ele, quando a gente tava voltando e deram uma coça nele...(pausa)

Você está bem? Quer fazer uma pausa? Depois a gente continua.

Não. “*Num*” precisa. “*Vô*” continuar.

Eu falei, minha mãe falou, a Maria falou, mas ele não quis parar. Colocou na cabeça que logo que ficasse bom, ia fugir e ir lá pra cidade chamar a TV pra gravar, ou algum jornal.

Mas por que?

Ele achava que se falasse com algum jornalista, poderia mostrar isso pro Brasil inteiro. Dizem por aqui que a família Duarte manda na cidade toda aqui. Então ele achava que “*num ia adiantá falá*” com polícia

Quero ser jornalista. Amanda também.

nem nada. Mas se isso fosse mostrado pro Brasil inteiro, alguém de fora podia “faze” alguma coisa por “nóis”.

E você acredita nisso?

Eu “tô” aqui, num “tô”? Antes eu num acreditava. E nem sei se hoje acredito mesmo, mas eu num quero deixar a morte do meu irmão impune, então se eu tive a chance de fugir dali, “vô *continuá*” o plano dele.

E como você acredita que seu irmão tenha morrido?

Dia desses, o dono veio visitar a fazenda...

Fábio Duarte?

Ele mesmo. O Zeca viu ele chegando de carro e saiu correndo pro portão da fazenda. Ele era maluco...(suspiro), me disse depois, que fez isso porque queria ter o direito de conversar com o doutor Fábio. Falar que pelo menos queria “*as passage*” pra gente “*vortá*” pro sertão.

Eu saí correndo atrás dele e vi que os capanga “*apontaro*” as armas pra ele. Pedi pra ele vir embora, gritei, mas ele “*num arredô*” o pé da frente da porteira. O carro “*parô*” e o doutor Fábio saiu. Pensei que seria uma esperança. Talvez ele ouvisse o Zeca e “*nóis* mudasse” um pouco de vida. Mas o doutor chegou, nem olhou pro Zeca, foi lá e abriu a porteira. Depois disso, ele disse: “eu sei quem você é. A porteira “*tá*” aberta e se “*tá*” descontente, pega já suas trouxas e vai embora. Não fique fazendo arruaça na minha fazenda.” Aí ele já virou as costas, “*vortô*” pro carro e foi embora.

E o Zeca?

Recebeu outra coça, lá no portão mesmo. E eu recebi junto dessa vez porque fui defender meu irmão. Essas marca aqui (mostrou hematomas

no braço e na barriga) foro dos capanga da fazenda.

Mas porque você acha que isso tem a ver com o assassinato do seu irmão?

Porque meu irmão morreu um dia depois disso.

E você chegou a ver algo suspeito aquele dia?

Durante o dia, não. A gente “*trabaiô*” como todo dia. “*Nóis vortemo*” pra casa e já ia dormi, quando um amigo nosso “*chamô*” a gente pra “*bebe*” uma pinguinha. Eu “*num quis i*”, mas o Zeca foi.

Mas isso dentro da fazenda? Eles também trazem bebida para vocês na fazenda?

Trás sim. Tem um tanto de gente que “*trabaia*” lá que bebe muito. O nosso serviço é muito pesado. O dia todo tendo que “*esticá*” o braço e “*abaixá*” pra “*cortá*” a cana. Chega final do dia o corpo “*tá*” doendo tudo, sem “*contá*” as “*cambra*” que dá “*as vez*”. A bebida ajuda a “*aliviá*” um pouco essa “*cansera*”, a dor nas costas, no braço, as “*quemadura*” de sol. Mas tem que “*tomá*” cuidado “*cum*” isso, porque tem “*home*” lá que tá viciado na bebida, dando trabalho pra família, fazendo dívida. E é isso que o patrão “*qué*”. Nem eu, nem o Zeca não era de bebe, mas acho que essas tristeza foi “*dexano*” ele “*aperriado*” e ele “*tava*” bebendo mais que o normal nesses “*últimos*” dia. E aí aconteceu o que aconteceu. Fui ver ele... ali no chão da rodovia.

Então você não chegou a ver o que aconteceu?

Não. Não vi não, senhora. Só fiquei sabendo que tinha acontecido alguma coisa quando um dos capataz chegou no quarto e disse que era pra nós seguir ele até a casa grande. Em frente à casa grande, “*tava*” o

Quero ser jornalista. Amanda também.

policial, e ele já levou eu, a minha mãe e a Maria pra reconhecer o Zeca.

**E vocês contaram essa história pra polícia depois que eu saí?
Deram uma pista pelo menos?**

Não. Não senhora.

**E por que você não me falou nada enquanto eu estava lá no
velório do seu irmão? Tinham várias pessoas ali para confirmarem
a história.**

E tinha três capangas armados lá dentro também. E o patrão (Fábio Duarte) tinha chegado lá um minuto antes e dito que era pra gente ficar de boca calada. Ele num falou com todas as letras. Mas não tinha como não entender. Disse que o Zeca era um bom homem, um bom trabalhador, mas que as coisas ruins acontecem com pessoa como ele toda hora. Principalmente quando se procura por isso.

Foi uma ameaça?

Foi, sim senhora. Pelo menos é o que eu acho.

E como você fugiu? Como veio parar aqui?

Eu não entrei no ônibus da fazenda. Eu fui o último na fila e, aí, saí correndo. Correram atrás de mim de carro, mas eu consegui me esconder e andei até aqui. Peguei seu cartão e consegui ligar no telefone que um homem num bar me emprestou. Mas eu acho que não fez bem eu ter fugido. Eles mataram meu irmão. Pode matar minha mãe e minha cunhada. Elas “tão” correndo perigo lá dentro. Você vai me ajudar, não vai?

Sim, eu vou.

“Só não sei como.”, e desligou o gravador.

6

GARGANTA PROFUNDA

"Você gosta de mamão, Sandra? Uma mão aqui."

Evaristo Costa

– Amanda? O que aconteceu? Quem é... – e então compreendeu – oh! O que ele está fazendo aqui? – disse Guilherme quando abriu a porta de sua casa.

– Ele fugiu da fazenda, e eu não podia deixar ele na rua. Ele está sendo procurado pelos capangas do Fábio Duarte.

– É, eu sei. É exatamente por isso que ele não poderia estar aqui. – ele olhou para os lados e viu que a rua estava deserta. – Entrem logo, não quero que vejam ele aqui.

Eu e João entramos na casa. Percebi que João estava muito tímido, talvez por aquela não ter sido a melhor recepção do mundo. Já estava acostumada a chegar na casa dele e logo me jogar no seu sofá super confortável, mas João permaneceu ali em pé, esperando ordens do que fazer. Guilherme percebeu isso e disse, agora com um jeito mais manso:

– Pode se sentar, fique a vontade. Qual é o seu nome mesmo?

– João, senhor. João Raimundo.

– Meu nome é Guilherme. Prazer. – cumprimentou João e se sentou logo em seguida, ao meu lado, afastando minhas pernas que já estavam em cima do sofá.

– Alguém pode me explicar o que está acontecendo aqui?

– Ele fugiu depois do enterro do irmão e me ligou. Me contou tudo o que está acontecendo lá na fazenda. Vou amanhã com ele no Ministério

Quero ser jornalista. Amanda também.

do Trabalho logo cedo, quando abrir. Eu prometi que ajudaria ele a sair dessa.

– Trazendo ele pra cá não é o melhor jeito de fazer isso. Eu sou assessor de imprensa do Fábio Duarte, esqueceu?

– Ele trabalha pro doutor?! Verdade! A cara dele num me é estranha. Ele tava hoje do lado do doutor no velório! – João olhou para nós dois assustados. Achei que ele iria sair correndo naquela mesma hora para a rua, como fez no cemitério de manhã.

– Olha, eu trabalho mesmo pra ele, mas não concordo com tudo o que ele faz. E não vou te levar pra ele, se é o que está pensando. Mas aqui é perigoso demais pra você ficar. Para vocês dois. - e olhou para mim – Oh, Amanda. E se a gente pagar uma diária num hotel pra ele? Amanhã, bem cedinho a gente leva ele no Ministério do Trabalho, e resolve isso.

– Não precisa ter esse gasto comigo, não. Eu consigo dormir em qualquer lugar por aí...

– Não, João. De jeito nenhum. – olhei para o Guilherme. Ele tinha que me entender - Não dá, Gui. Eu preciso ter certeza de que ele vai ficar bem.

– Mas é lógico que ele ficaria bem lá. Eles sabem que ele não tem dinheiro pra pagar um hotel, então provavelmente não vão procurar neles.

– Mesmo assim. Quero estar com ele nas minhas vistas pra garantir que amanhã a gente vai poder ir lá no Ministério do Trabalho.

– É mais perigoso manter ele aqui do que em um hotel, Amanda. Largue de ser teimosa!

– Eu “tô” atrapalhando aqui. Eu sei. – João se dirigiu até a porta – Eu vou embora. Amanhã eu acho o lugar. Só me dizer onde é que eu vou. Não quero atrapalhar ocês.

Nós dois nos levantamos do sofá assustados. O Guilherme estava cer-

to, não dava para nos arriscarmos dessa forma. Mas é só uma noite. E eu sabia que o último lugar onde iriam procurá-lo seria na casa do próprio assessor. Mas também, eu tinha prometido algo para João, mas nem por isso precisava envolver o Guilherme nisso. Aquilo tinha sido um erro.

– Não. Não vá embora, João. A gente vai conseguir um jeito de deixar você em segurança. Você vai pra minha casa, então.

– Eu vou com vocês. Não vou te deixar sozinha, correndo perigo com esse pessoal atrás dele. Se é verdade que eles mataram o irmão do João, o que poderiam fazer com você?

– E o que poderiam fazer com você?

– Ah, mas...

– Eu num acho uma boa ideia.

Olhamos para João ao mesmo tempo, não entendendo o porquê da contestação.

– Você foi a única da mídia a ir no enterro. Sei que era pro seu trabalho, mas foi a única coisa de diferente que aconteceu por lá. Eles pode querer te procurá.

Fazia sentido o raciocínio dele. Ainda mais porque eu fui lá sem o aval do jornal, o que é mais suspeito ainda, caso Fábio Duarte conversasse com seu irmãozinho gerente editorial do jornal. Será que eu tinha dado mesmo essa mancada de deixar uma pista para que eles venham atrás de mim? Mas como não deixaria pista num caso desse? Se eu não tivesse ido ao enterro, não teria dado meu telefone ao João, e não saberia de tudo isso agora. Mas e agora? O que eu vou fazer?

A voz de Gui interrompeu os pensamentos que gritavam em minha cabeça.

– Tá, então fiquem aqui essa noite. Só vou avisar minha mãe que a gente tem visita.

Guilherme saiu da sala. Eu e João voltamos a sentar no sofá. Ele pa-

Quero ser jornalista. Amanda também.

recia aflito. Não sabia dizer se era pelo fato da conversa com Guilherme não ter sido tão confortadora assim ou medo por si mesmo e sua família.

– Não se preocupe, João. Vai ficar tudo bem.

– Deus queira.

Sorri, esperando que esse gesto o confortasse. Não sei se adiantou, mas ele sorriu de volta.

– Cê vai publicá minha entrevista amanhã?

“Não, João. Se depender do jornal, acho que não vou publicar isso nunca.” Eu não poderia dizer isso pra ele.

– Preciso ainda apurar mais coisas. Você disse informações muito importantes, mas eu ainda preciso investigar e pesquisar mais para fazer a matéria. E também, não depende de mim, depende dos meus editores. São eles que decidem as matérias que vão ou não ser publicadas no jornal.

– Mas você acha que eles vão publicar, né?

– Como eu disse, não depende de mim. Mas vou fazer o meu melhor por isso.

Parece que João se satisfez com aquela resposta. Eu não tinha pensado ainda o que iria fazer com todo aquele turbilhão de coisas que fiquei sabendo aquela noite. Não podia simplesmente ignorar a denuncia e fingir que nada aconteceu, mas adiantaria falar tudo para o jornal?

– Me diz uma coisa, como é ser jornalista?

– Hum... nossa! Difícil responder assim. É uma profissão em que se precisa ter bastante contato. Conhecer bastante gente, falar com bastante gente. E quem é jornalista precisa amar bastante o que faz. Acho que todo mundo precisa fazer isso, mas o jornalista principalmente, porque ele vai fazer isso a maior parte do dia. E precisa estudar, precisa conhecer coisas novas a toda hora... – era uma pergunta confusa de explicar, então acho que estava sendo confusa em responder.

– Eu devia ter estudado pra ser daqueles repórter de TV. Deve ganhá bastante pra aparecer na televisão, trabalhar pouco e ainda fica famoso. Aí você vê que vale a pena estudá, fazer uma faculdade, né.

Será que eu conto que um meus colegas da TV Itauíta já chegou a ficar 36 horas seguidas trabalhando e passou nesse dia a virada de ano em frente a um presídio em rebelião? Ou conto as histórias do meu amigo que trabalha na sucursal só com o cinegrafista e é responsável por correr atrás de notícias de 15 cidades e precisa mandar esse material pra sede da TV? Talvez devesse contar que o apresentador não vai pra TV só para apresentar o jornal e que o mais conhecido apresentador do Brasil também é editor chefe do telejornal e chega às 10 da manhã na redação e só sai às 9 da noite, depois de apresentar o telejornal. Ele até ganha muito bem pra isso. Mas não é o caso da maioria dos profissionais que fazem o mesmo trabalho cansativo que ele. Mas acho que não é tão cansativo quanto cortar cana no sol a pino todos os dias. Não, é melhor não destruir o sonho dele.

– Sim, vale a pena estudar. – confirmei a única coisa que concordava. Valeu a pena ter feito jornalismo. Minha visão de mundo mudou depois da faculdade. Disso não tenho o que reclamar.

Ouvi a voz de Guilherme atrás de mim. Ele havia voltado para a sala e eu nem tinha percebido. Estava perguntando sobre quem dormiria no quarto dele ou no sofá. Me ofereci para ficar no sofá, já que meu dia não havia acabado. Precisava pesquisar algumas coisas sobre o que ele havia me falado. Não queria chegar ao Ministério do Trabalho amanhã sem saber sobre o que perguntar, já que queria aproveitar para fazer uma entrevista com alguém dali. Então, ficou combinado que João iria ser o privilegiado de dormir naquela gostosa cama box de casal que o Guilherme tem no quarto, que eu invejo. E eu e ele ficaríamos na sala e ocuparíamos os sofás, que são mais confortáveis que os da minha casa,

Quero ser jornalista. Amanda também.

então não tenho o que reclamar.

O Guilherme emprestou uma toalha para que João tomasse um banho e ensinou a ele alguns macetes para ligar o chuveiro, já que toda casa tem suas gambiarras secretas para ligar a ducha. João disse que desde que havia chegado em Itauíta não tinha tomado um banho quente. Então acho que aquele banho e uma cama macia não o faria esquecer suas preocupações, mas poderia dar a ele um descanso merecido dessa realidade doida que ele me contou na entrevista.

Eu fui a próxima. Depois de um dia cheio como aquele, precisava de uns minutos para pensar, enquanto me ensaboava e deixava a água cair no meu corpo. Tudo que eu precisava naquela hora era me desligar de tudo ao meu redor, pelo menos nos próximos 10 ou 15 minutos, mas ao invés de relaxar, fiquei pensando mil formas de conseguir levar o João para o Ministério do Trabalho e ir para o jornal, do outro lado da cidade e não chegar atrasada no Diário, caso fosse com os agentes do MTE na fiscalização. Eu queria ver com meus próprios olhos tudo aquilo que João me contou.

Me vesti com umas roupas de dormir que a mãe do Guilherme emprestou e fui para a sala. Guilherme tinha colocado uma coberta e um travesseiro nos dois sofás. Na mesinha de centro tinha duas canecas de leite quente. Ele estava no sofá maior, com o notebook no colo, tão entretido que demorou alguns segundos para que ele notasse os meus passos. Me sentei no outro sofá e me enrolei com a coberta, já que a noite estava um pouco fria.

– Me desculpe por ter te envolvido em tudo isso. É que eu não sabia o que fazer, ou com quem contar.

– Não. Você fez bem em ter vindo aqui. Na verdade não fez, mas fez. Ah! Você entendeu. Não foi certo da minha parte levantar a fagulha para você investigar e te deixar sozinha nisso. É muito perigoso. Eu não pos-

so te deixar sozinha nessa.

– Mas você precisa desse emprego. Você não pode se arriscar assim, com a sua mãe passando por essa fase. Por falar nisso, como ela está?

– Está fazendo quimioterapia. Faltam mais duas ainda pra terminar essa fase. Aí só depois disso vai dar pra ter certeza se o câncer de mama regrediu mesmo, porque até agora parece que ele diminuiu pouco. Mas ela tem esperanças, e é isso que importa. Ela quer sair dessa, está lutando, então eu acredito que vai dar tudo certo.

– Vai sim, com certeza.

O assunto acabou. A pausa se estendeu segundos o bastante para eu ficar constrangida pela própria pausa e ter que pensar em algum assunto para dizer.

– Que dia, meu Deus!

– Eu imagino! Me conta como tudo isso aconteceu.

Contei desde a aventura de entrar no velório errado no cemitério até quando achei o João numa praça desconhecida num bairro do outro lado da cidade em relação ao cemitério. Disse um resumo do que havia ficado sabendo com a entrevista. Guilherme me ouvia com atenção e parecia que ele não queria perder uma palavra do que eu estava dizendo.

– Você tem nas mãos o furo que pode acabar com a candidatura do Fábio Duarte. Se o Ministério do Trabalho for na fazenda e achar tudo isso mesmo, você tem sua história.

– E você, um grande problema.

– Mas, pelo menos o maior problema foi resolvido. Se a gente conseguir tirar essas pessoas dessa condição miserável, o resto, damos um jeito. Eu fiz jornalismo pra isso, pra denunciar essas coisas e tentar melhorar a vida das pessoas com informação. E acho que você também fez jornalismo por isso.

– Eu fiz porque olhei no verso da caixinha do Toddynho. – Ai, eu não

Quero ser jornalista. Amanda também.

pude deixar passar velha piadinha da jornalista famosa que disse para uma revista que fez jornalismo por esse motivo.

Depois de rirmos, ele continuou:

– Eu não sei muita coisa. Ele tenta não me deixar muito a par do que está acontecendo, mas eu sabia sobre o trabalho nas fazendas e a morte do José. Fiquei sabendo ontem, na verdade porque tivemos que reunir os assessores para afinarmos o discurso.

– Tem certeza que você quer me falar isso?

– Tenho. Mas por enquanto, em off.

Se ele me pediu anonimato, é porque ainda não está jogando seu trabalho fora. Uma informação em off já é melhor que nada. Assim eu saberia onde buscar fontes.

– Então você vai ser o meu Garganta Profunda?

– Uiiii... só se você quiser, meu amor. – e moveu sua mão para tocar a minha perna.

– Idiota.

Tirei a mão dele do caminho e demos risada com a piada suja. É uma piada interna idiota desde a faculdade, quando nos ensinaram sobre o caso Watergate. Resumindo bem: depois de uma notícia publicada sobre a invasão do escritório dos Democratas (um partido forte dos EUA) no edifício Watergate, dois repórteres do Washington Post decidem investigar melhor e descobrem todo um esquema de corrupção, espionagem e outros podres que envolvia a reeleição do presidente dos EUA na época, Richard Nixon. O principal colaborador dessa investigação foi um funcionário do FBI, que dava informações sigilosas para os dois jornalistas. Ele foi apelidado de Garganta Profunda (qualquer semelhança desse apelido com um filme pornô da época não foi coincidência). No fim das contas, Nixon renunciou. Fim da história.

– Rumo ao prêmio Pulitzer, querido! – peguei a minha caneca de

leite e estendi a ele.

– Rumo ao Pulitzer! - Guilherme pegou sua caneca e brindamos.

– E então, como você ficou sabendo sobre José e a história toda na fazenda?

– Eu já imaginava que havia algo estranho na fazenda por causa de algumas conversas que ouvia do Tomé quando ia para o escritório. O Tomé parecia insistir que era necessário “dar um jeito” em alguém, “calar a boca” de alguém. Mas tudo isso eu escutava de curioso, porque eles não falavam tudo na minha frente.

E aí quando me chamaram ontem, aquela hora que eu estava com você, me falaram sobre o que tinha acontecido. Primeiro me contaram a história de que ele havia sido assaltado na rodovia. Ou seja, aquela versão que a polícia está investigando. Mas eu percebi o nervosismo, não do Fábio - ele estava calmo - mas dos outros. Falei que se era para eu ajudar na crise, precisava saber a verdade. E aí me contaram que esse tal de José estava dando problemas na fazenda e ele acabou sendo morto em uma briga por alguém da fazenda. Mas Fábio achava melhor que o incidente não fosse mencionado, nem explicado, para não relacionarem à fazenda e nem ao Fábio.

– Acha mesmo que foi uma briga, um motivo passional?

– Não. Já tinha rumores de que os funcionários na fazenda dele não eram pagos direito. Mas eu não sabia que o problema era bem além disso. Quando insisti em perguntar se aquele era mesmo o motivo da morte, Tomé quis brigar comigo e o Fábio, com aquele jeito indiferente que ele herdou do pai, falou que era para eu me limitar a fazer o meu trabalho, que era manter a imprensa quieta, e saiu da sala. Juntei as peças que tinha e desconfiei que esse homem tinha falado demais e por isso morreu na mão de alguém, talvez a mando de Fábio. Mas isso ainda é uma desconfiança. Pode ser mesmo que ele tenha morrido por uma

Quero ser jornalista. Amanda também.

briga. São todas as informações que eu tenho por enquanto.

– Entendi.

Ficamos um tempo em silêncio, mas dessa vez a pausa não foi constrangedora. Estávamos pensando em problemas. Pensando em soluções. Peguei o notebook, chamei Guilherme para sentar perto de mim e começamos a pesquisar na internet possíveis materiais para esse assunto. Reportagens já feitas, sites, tudo que pudesse nos dar um norte do que abordar numa possível matéria.

Acordei de madrugada me sentindo meio torta, e percebi que a gente tinha caído no sono. Estávamos no sofá, escorados um no outro, meio que abraçados. Ele estava com os pés na mesinha enquanto o notebook estava ligado, no meu colo. Coloquei com cuidado o notebook na mesinha, tentando não me mover muito para não despertá-lo. Depois disso, olhei para o outro sofá vazio. Eu sabia deveria ir para lá. Mas não fui.

7 O DIA EM QUE ESTREEI O CONVÊNIO MÉDICO QUE O JORNAL ME PAGA

“Para se fazer uma boa reportagem não é necessário arriscar a vida. O repórter não precisa assumir o personagem do Super-Homem entrando em prédios em chamas, pendurando-se em janelas, etc. Nunca deve se oferecer como refém em acontecimentos policiais. Não é sua função. Deixe isso para o Clark Kent.”

Heródoto Barbero

Eu estava feliz e preocupada ao mesmo tempo. Tinha dado tudo certo lá no Ministério do Trabalho. Eu e João chegamos lá no prédio, pegamos a senha e aguardamos sentados a nossa senha aparecer na tela. Como tinha ganhado bônus para usar internet no celular, conseguia deixar Guilherme informado do que estava acontecendo enquanto ele estava lá em serviço. Combinamos que a missão dele era a de ficar na cola de Fábio Duarte, nos informando de qualquer movimento estranho do político, do que ali com a gente como “guarda costas”.

João fez a denúncia, contou tudo o que havia me contado. O agente disse a nós que a denúncia sempre é sigilosa, não importa a gravidade

Quero ser jornalista. Amanda também.

do problema. Mas não acho que o pessoal da fazenda vai encontrar dificuldade em saber quem fez a denúncia, por isso pergunto se há alguma medida de segurança para proteger João. O agente me conta que há uma casa para onde mandam pessoas que sofreram esse tipo de abusos, e se chama Ação Integrada. É um projeto pioneiro, mas já tem ajudado muitas pessoas que sofreram com o trabalho análogo ao escravo a voltar a ter um emprego.

Voltando para casa, tenho a sensação de que as coisas estão encaminhadas. Agora a ideia é ir para o jornal e fingir que nada aconteceu. Pode ser que a fiscalização vá para a fazenda de Fábio Duarte entre hoje e amanhã, então prometeram me ligar logo que tivessem um fiscal disponível para o serviço.

Destranquei o portão de casa e dei meus passos até a porta, ansiosa para poder chegar em casa, tomar um banho e comer qualquer coisa que estivesse na geladeira que fosse prática o suficiente para se preparar no microondas. Quando fui colocar a chave na fechadura, vi que algo não estava certo. A porta havia sido arrombada.

Estava em pânico. Será que entrou um ladrão a noite? Ou então o que João disse ontem era verdade. Eu realmente era uma pista e eles vieram procurar o que perderam.

Abri a porta. Tudo estava revirado. Acendi a luz, andei em meio aos estragos. Gavetas no chão, sofá rasgado. Meu notebook não estava mais na mesinha de centro da sala como eu havia deixado quando saí de casa ontem. Mas o que mais se destacava em meio a bagunça era uma mensagem escrita na parede da sala com tinta em spray.

“Desista”.

Recebi a ligação para ir para o MTE logo depois que vi o estrago em casa. Não pensei muito, e disse que iria. Sabia que o certo seria sair dali e ir correndo prestar queixa à polícia, mas queria muito ver no que daria essa fiscalização. Eu não quero desistir, e ver aquela mensagem na minha parede me dava medo, mas a raiva era ainda maior que o medo e vontade era obstinada de fazer o que precisassem para colocar esses caras atrás das grades por todos esses crimes. Afinal, eles levaram meu notebook e eu não tenho um backup das coisas que estavam lá.

Não sabia o que esperar dessa fiscalização. Será que encontraríamos a situação que João descreveu ou algo pior? Ou não encontraríamos nada e eu ficaria aliviada por não ter publicado uma grande “barriga” no jornal, que me deixaria na história do jornalismo brasileiro junto com aquele caso da Escola Base? Tá bom, tá bom. É um exagero fazer essa comparação, mas não quero ser conhecida por publicar uma notícia falsa, ou “barriga”, para os mais íntimos.

Pelo que me explicaram, o caso Escola Base foi A “barriga”. Os donos da escola e mais dois sócios foram acusados por um policial de abusarem sexualmente os seus estudantes. A mídia caiu em cima e mesmo sem provas reais do crime, fizeram um discurso condenatório das pessoas envolvidas. Aí foi provado que era tudo mentira. Os jornais se retrataram pelo erro, mas as vidas já haviam sido afetadas com a repercussão do caso. Eles receberam ameaças, a escola fechou e os donos já morreram. Ambos de câncer.

Não quero que um erro meu tenha essa repercussão na vida de ninguém. É por isso que para publicar algo é preciso falar com várias fontes, checar sempre as informações. Confiar desconfiando. Mas, diante da mensagem que deixaram na parede da minha sala, não acho que João estivesse mentindo.

Estávamos no carro de Carlos, um dos fiscais. No banco do passa-

Quero ser jornalista. Amanda também.

geiro estava uma fiscal, Raquel, e o banco de trás era da imprensa. Eu estava numa janela, logo atrás do motorista e uma colega da TV Itauíta, a Karina, estava ao meu lado, junto com o cinegrafista, Maurício. Poderia ter a pretensão de ir sozinha como imprensa e eu mesma conseguir aquele furo. Mas recomendei que o agente chamasse mais algum meio de comunicação para garantir que se caso não saísse no Diário, sairia em outro lugar. Mas até que provem ao contrário, se a TV Itauíta furar o jornal, eu não tive nada a ver com isso.

Liguei para o editor, e falei que não poderia ir para o serviço, já que precisaria ir para a delegacia prestar queixa sobre o “furto” em minha casa. De certa forma, eles me deram uma desculpa para não ir ao jornal e assim, poder apurar a denuncia e recolher toda informação necessária antes de contar tudo o que aconteceu ao editor e torcer para eles publicarem essa notícia.

Achei melhor não comentar o que aconteceu com o Guilherme, enquanto ele estivesse no trabalho. Depois daria um jeito de contar com mais detalhes logo que tivesse mais tempo. Não queria correr o risco de arriscar a pele dele de alguma forma.

Da rodovia, viramos para uma estrada de terra. E só havia cana-de-açúcar por todos os lados. Raquel nos avisou que a fazenda em que iríamos era logo depois daquela. Logo na estrada, vimos uma caminhonete parada, que parecia estar com algum problema. Poderia ser por causa dos buracos da estrada de terra, talvez. Um homem fazia sinal com a mão para que nosso carro parasse. Carlos parou o carro e aguardou o homem se aproximar.

– Ei, acabou a gasolina do nosso carro. Será que vocês podem dar uma carona pra cidade, pra comprar um galão?

– É que agora a gente não tá indo pra cidade...

O barulho depois disso foi ensurdecador. Tiros vindo da caminho-

nete atingiam os vidros do carro em que estávamos. Me abaixei e fiquei agachada no chão do carro, esperando tudo isso acabar. Sério, que eu vou morrer hoje?

Carlos pisou no acelerador com força e seguiu. Atrás de nós, seguiam com a caminhonete, que diziam estar sem gasolina, e atiravam ainda mais.

– Tem alguém ferido aí atrás? – ouvi a voz de Carlos.

Eu estava abaixada no banco. Olhei e vi a jornalista do meu lado deitada, inconsciente. Parecia estar morta, mas eu não tinha certeza. Do outro lado, o cinegrafista com a cabeça estourada. Esse estava morto. Não pude evitar um grito.

– Calma! Calma... tudo vai ficar bem.

Os tiros que eu estava ouvindo atrás de nós não me mostravam isso.

– Eles morreram, moço. O pessoal aqui atrás morreu. A gente vai morreeeer!!!

– Tá com seu celular aí? Liga pra polícia!

– Tá. - pelo menos era uma instrução que poderia salvar nossa vida.

Então parei de dar uma de louca estérica e peguei meu celular.

Vi que a pessoa que estava na frente, no banco do passageiro também estava morta, o que me fez perguntar:

– Você foi ferido?

Eu fui. Minha barriga está sangrando.

Bosta! bosta, bosta, bosta, bosta, bosta! Tá, calma. Liga pra polícia, liga pra polícia. Vai, disca. São três números. Você consegue, Amanda. Senti meu braço doendo quando disquei para a polícia. Nem sei como consegui descrever o que estava acontecendo. Sério, eu não me lembro do que falei no telefone. Só me lembro de que eu estava gritando e que acho que a atendente do COPOM vai voltar surda para casa depois dessa ocorrência. Logo que voltamos à rodovia, vi que pararam de nos seguir.



Quero ser jornalista. Amanda também.

Acho que alguém entendeu o que eu falei, porque em certa parte do trajeto de volta para a cidade, chegaram três viaturas ao nosso encontro. Elas pararam, nós também. Carlos contou que eles nos seguiram atirando até perto da entrada da rodovia. Com essa informação, duas viaturas saíram a caça da caminhonete branca cheia de gente com armas na mão.

Quando vi, depois que toda adrenalina passou, estava numa ambulância, a caminho do hospital mais próximo que atende o convênio que o jornal paga.

Talvez tivesse sido melhor ter atendido ao aviso na parede da sala.

8 VÁ FAZER O SEU TRABALHO

“Jornalista não é o que toca na banda,
é o que vê a banda passar” Joel Silveira

Quando acordei a primeira pessoa que vi foi minha mãe. Ela estava chorando e nos primeiros segundos não entendi o porquê. Não entendi nem se estava sonhando ou se já havia acordado.

– Mãe?

Depois vi Guilherme e meu pai logo atrás dele. Naquele momento me dei conta de que estava em um hospital. Logo a sonolência passou e me lembrei de tudo que aconteceu.

– Mãe, fica tranquila, eu estou bem. Eu acho que estou. O que o médico falou?

– Que é pra você parar de se meter em encrenca. – Guilherme respondeu e se aproximou mais da cama.

– Ah, eu?

– Filha, que susto foi esse? - disse o meu pai – O tiro pegou no seu braço direito, mas não pegou nenhum nervo ou osso que pudesse comprometer seus movimentos. Então logo logo você estará boa. Mas a outra jornalista está em coma. Levou um tiro na cabeça.

Ninguém disse, mas os olhares de preocupação sugeriam a frase “poderia ter sido você”. Eu não sei se meus pais falariam a seguir que era para eu sair do jornal, de Itauíta e voltar para minha cidade ou se falariam para eu sair do jornalismo, ou simplesmente tomar mais cuidado e

Quero ser jornalista. Amanda também.

não me arriscar tanto. Estava esperando pelas broncas e recomendações, mas ninguém falou nada. Decidi perguntar pelos outros que estavam no carro.

– Morreram. – respondeu Guilherme.

– Morreram? – sobre o cinegrafista e a fiscal eu já desconfiava, mas...

- Carlos morreu também?

– Sim. Chegou tarde demais no hospital.

Tá. Agora eu não sabia o que falar. Acho que ninguém sabia, então ficamos todos mudos por um tempo. Meu pai se sentou na cadeira. Minha mãe segurou minha mão. Depois de um tempo percebi que não sabia como estava a repercussão da história toda: se pegaram aqueles caras que atiraram em nós, se Fábio Duarte foi dado como suspeito mesmo. Mas não queria falar essas coisas na frente dos meus pais. Não sei o quanto eles já estavam sabendo sobre o assunto, mas acreditava que quanto menos soubessem, mais seguros estariam.

– Eu posso ficar a sós com o Gui um pouco?

Eles olharam com aquela cara maliciosa que significa “huuum.. tô sabendo”. Sério, Pai? Sério, mãe? Até aqui no hospital vocês estão querendo me desencalhar? E com o Guilherme? Ai, odeio essa mania dos meus pais.

Guilherme foi gentil, fingiu não notar os olhares. Logo que eles saíram, foi logo dizendo, com um jeito ansioso, como se estivesse há tempos segurando essas palavras:

– Olha, eu queria que me perdoasse por ter feito você correr perigo desse jeito.

Tentei ignorar aquele pedido de desculpas, fingir que não ouvir. Eu não queria falar disso agora.

– Mais alguma notícia sobre o que aconteceu? Prenderam os caras?

– Encontraram três dos atiradores. Os outros estão foragidos ainda.

Mandaram outros fiscais para a fazenda, dessa vez com a polícia.

– E aí, o que encontraram?

– O lugar era péssimo. Era ainda pior do que o João tinha falado pra você. Os quartinhos dos trabalhadores eram muito pequenos para muita gente, e estava com o teto quebrado. Então estava gotejando em todo lugar. Os banheiros eram pequenos também, a maioria sem descarga. Os chuveiros não estavam ligados. Isso quando tinha chuveiro. A comida ficava estocada no chão. E tratamento de água, nenhum. Eu não estava lá, mas falaram que foi bem chocante. Os capangas tentaram esconder o pessoal, levaram todo mundo pra fora da fazenda no ônibus, prometendo que eles iriam receber logo que chegassem na cidade, se não contassem nada pra fiscalização. Mas aí o ônibus foi encontrado na rodovia. Eles resistiram pra falar com a polícia, mas a maioria acabaram se convencendo de que seria melhor assim. Aí os fiscais os encaminharam pro Ação Integrada.

– Eles estavam vivendo em uma situação horrível! Como eles se recusaram a falar? Por que?

– Muitas dessas pessoas saíram de condições de uma horrível condição de miséria pra vir pra cá. É triste, mas muitos deles não conhecem seus direitos e não sabem que merecem muito mais do que o dinheiro do salário. Alguns não sabem que dormir numa boa cama, ter um bom banho no final do dia, comer uma comida que foi armazenado com higiene e beber água tratada não é um privilégio, é um direito.

Pasmei. Apenas.

– Mas e os responsáveis? Fábio Duarte, o Tomé?

– Tomé está foragido. O Fábio não foi preso. só prestou depoimento e foi embora. Ele está alegando que não sabia do que estava acontecendo e de que tinha deixado a fazenda nos cuidados do Tomé. Você sabe como é, né? Ele não vai confessar nunca. Ainda mais em eleição.

Quero ser jornalista. Amanda também.

– A casa caiu hein!

– Caiu.

Ficamos em silêncio. Mais especificamente naquela pausa que indica que há um assunto pairando no ar, que não quer descer para o campo das palavras. Mas, segundos depois, desceu.

– Amanda, a gente tem que conversar sobre o que aconteceu. Desculpe por ter te envolvido nisso, eu não queria que as coisas chegassem nessas proporções. Mas foi irresponsável da sua parte se arriscar assim desse jeito.

Eu realmente não estava com vontade de falar disso agora.

– Gui...

– Eu fui na sua casa porque você não atendia o telefone e não respondia as mensagens. Eu vi a porta arrombada e a mensagem na parede. Você não deveria ter ido na fiscalização. Já teve a prova do quanto essa gente é inescrupulosa. Isso foi muito irresponsável, Amanda!

Sério. Eu não iria ficar ali com um tiro no braço ouvindo lição de moral.

– Eu quase morri!!! Você tem ideia do que é parecer que está num tiro ao alvo, só que sendo o alvo?! Acha que eu já não aprendi a lição o suficiente?!

– Amanda...

– E você? O que fez nisso tudo? Quando eu disse para você ficar atento em relação a qualquer movimentação, eu falei sério. Você sabia dos riscos que eu estava correndo, e me disse que não me deixaria fazer isso sozinha. Qualquer alerta que você pudesse me dar, qualquer coisa que tentasse sondar, poderia ter salvo a vida de todo mundo ali.

– Eu não fico 24 horas por dia com o Fábio Duarte, nem com seus capangas. Seguir o Fábio não é o meu trabalho. O meu trabalho é ler notícias sobre ele, mandar notícias dele pra mídia, agendar entrevistas.

Não é seguir o Fábio no banheiro e nem entrar na mente dele para saber seus plaaaanos macabros de dominação de Itauíta. E agora, com todo esse rolo, estava um inferno no gabinete. Acha que se eu soubesse que isso iria acontecer, eu iria te expôr dessa maneira?

– Todos esses dias você só esteve preocupado em salvar sua pele no emprego e ainda ser o bom moço que salvou sei lá quantas pessoas das mãos de um tirano que escraviza pessoas. Você me falou que tinha algo acontecendo, mas me deixou investigar tudo sozinha.

– Sozinha? Me diz como eu salvei minha pele denunciando pra alguém da mídia um escândalo desse? Isso com certeza vai deixar o meu assessorado muito bem na mídia. Isso vai ajudar demaaaaais a ter um bom nome na minha carreira de assessor de imprensa - odiava quando ele usava de ironia comigo nessas horas. - Nós fizemos tudo isso juntos, Amanda. Eu não sei quanto a você, mas o amor pelo jornalismo não é maior que o amor que eu sinto pela minha vida. Mas mesmo não sendo imprudente na mesma proporção que você, não venha me falar que você se arriscou mais do que eu só porque foi a campo!

– Ah, não. Eu vou falar que eu me arrisquei mais do que você porque eu levei um tiro!

– Você fala como se eu nem ligasse. Como se isso não estivesse me consumindo por dentro. Você acha que quando te vi nessa cama, não queria mil vezes que fosse eu aí no seu lugar ao invés de você? - ele segurou o fôlego por um segundo. Meu coração estava disparado, talvez por essa discussão toda - Eu me importo com você, Amanda.

Se “importar” era tão menos do que eu precisava ouvir dele naquela hora. E acho que isso me deixou ainda mais ressentida. Não sei por que, mas eu me sentia cansada daquela nossa amizade naquela hora, e soube disso naquele instante.

Ele tentou colocar suas mãos nas minha, mas eu tirei.



Quero ser jornalista. Amanda também.

– Você não tem obrigação de se importar comigo. Acho melhor você ir para o seu trabalho, já que o candidato deve estar passando por uma boa crise na mídia a essa hora.

Senti que aquilo o havia machucado.

– Você nunca entendeu nada mesmo do que eu estou tentando te mostrar todos esses anos. Vou lá “fazer meu trabalho.” E vê se ajuda o pessoal a fazer o trabalho deles. A imprensa toda está aí fora.

9 EU = FONTE

"Que deselegante!"
Sandra Anenberg

Numa parte da minha adolescência, a tradição de todo feriado de carnaval, desde que completei 12 anos era ir para o acampamento de carnaval da igreja. Pode parecer estranho, mas lá foi o meu primeiro contato com o jornalismo de TV. Era tradição. Sempre no último dia do acampamento, na parte da manhã, vinha um repórter e um cinegrafista na chácara em que estávamos para fazer uma matéria sobre como os religiosos "pulam" o carnaval.

E todo ano era a mesma coisa. Eles chegavam na hora do nosso café da manhã e nos faziam ir pra o templo, gravar uma oração, um louvor ou uma dança. Mas nós não estávamos fazendo isso antes, a gente queria comer. Era tudo fingimento. Eles nos faziam correr pela chácara e fingirmos que estávamos nos divertindo pra caramba só para terem alguns takes para a matéria. Isso na época me dava muita raiva. Claro, eles estavam estragando meu café da manhã! E além disso, aquilo não era realidade, era fingimento, portanto não era jornalismo para mim. Eles que chegassem uma hora mais tarde, e então veriam a coisa toda acontecendo de verdade. E eu me recusava sempre a dar entrevistas.

Haha! Ironia do destino. Dez anos depois, sou jornalista e hoje estou participando dessa coisa toda da cultura do espetáculo.

Agora estou mais em paz com o telejornalismo, afinal é difícil trabalhar na TV. Algumas emissoras tem duas edições de telejornais por dia, então é preciso ter material pronto na hora do almoço e a noite. O repórter precisa estar em vários lugares num dia só, além de escrever a

Quero ser jornalista. Amanda também.

narração da matéria – o off – e gravá-lo. Alguns até editam a matéria dependendo da emissora. Ou seja, a rotina não é fácil meeeeeesmo. E claro que alguns jornalistas tomam mais “atalhos” do que outros para facilitar isso. Agora, entender não é o mesmo que concordar. Ainda não perdoei aqueles repórteres que atrapalharam meu café da manhã.

Quem os vê todo bonitões e maquiados na hora da passagem (aquela hora no meio da reportagem em que o repórter aparece), não sabe que ali, o repórter está precisando tomar cuidado com o jeito de segurar o microfone, com a fala decorada, com o jeito e a entonação da fala, com o calor dentro daquela roupa e se o cabelinho está ajeitadinho.

Tudo isso é uma introdução para dizer que hoje eu estou do outro lado. Agora eu sou a fonte. E sério, todo esse texto foi para convencer a mim mesma a aparecer na televisão. Eu não gosto de ser entrevistada. Mas seria sacanagem com os colegas negar entrevista, já que eu era a única fonte capaz de falar.

Mas de imediato, logo que o Guilherme me falou aquilo e saiu nervoso do quarto fiquei meio sem reação. Primeiro pela briga. Me senti péssima. Segundo porque eu era jornalista, mas nunca havia sido fonte antes. E terceiro: se eu já havia me arriscado muito antes, agora estaria me arriscando mais ainda.

Enquanto ainda pensava no que fazer em relação a imprensa lá fora, entraram duas pessoas no quarto: Juliana, repórter do Diário e o fotógrafo, aquele lá que eu não sabia o nome.

– Amanda, o que aconteceu com você?

Legal, e ele sabe meu nome.

– Foi curiosidade demais. – respondi.

– Lá no jornal não se fala em outro assunto. – diz a Jú, toda empolgada.

– Eu imagino mesmo.

– A discussão da reunião de pauta é sobre você. Metade dos editores estão defendendo que você deve ser notícia de capa e metade querem abafar o caso. – continuou a fofoca.

– Nunca pensei que eu poderia virar notícia algum dia. E uma notícia dessas!

– A gente brinda por você no happy hour de hoje. – não seria a Jú se não falasse de bebidas e festas. Sempre dizia que carregava os 20 anos de jornalismo nas costas com a ajuda de um bom copo de cerveja. E depois dava uma piscadinha por cima dos seus óculos roxos e grandes, tão chamativos quanto a sua personalidade.

– Ah! E o Alexandre quer que você ligue pra ele. – avisou o ... aah! Aquele cara.

– Pegue meu celular ali na mesa, por favor.

Ele pegou o celular e me entregou. Quando olhei o visor, tinha muitas chamadas. A maioria de números desconhecidos. “Com certeza são jornalistas. Não me deixam nem tirar a bala do braço em paz”. Fiquei com vontade de dar risada pelo meu pensamento esnobe, mas não quis dar uma de louca. Disquei o número do editor. Quando ele reconheceu minha voz, me arrependi de ter ligado.

– Quando você planejava nos contar que estava indo para uma fiscalização na fazenda do Fábio Duarte?! Você ficou louca, garota?!

– Surgiu a oportunidade, eu fui. Iria te contar assim que chegasse na fazenda, caso encontrasse alguma coisa importante.

– Eu já estou farto de você e das suas loucuras! Faça isso de novo e vai ser demitida! Sabe quantos currículos a gente recebe por dia? Sabe? Um monte. E tenho certeza de que muita gente ali quer trabalhar sem meter o nome do jornal pro saco! A Juliana já chegou aí?

– Já.

– Você está com seu notebook aí?

Quero ser jornalista. Amanda também.

– Não, na verdade ele foi roubado hoje de manhã, como eu te disse.

– Então por isso eu pedi pra ela levar um aí para você. Ela vai te entrevistar, mas eu quero que você escreva pelo menos duas laudas sobre o que aconteceu com você e me mande até as seis. Mas vê se me manda um bom texto porque você vai ser capa. – e desligou o telefone na minha cara. Achava estranho estar tão acostumada com isso.

Contei para eles o que tinha acontecido e como foi a conversa.

– Mas você não está com o braço direito ferido? – observou o fotógrafo.

– Ah! Mas acho que consigo digitar. Afinal, minha matéria vai ser capa.

– Vai digitar coisa nenhuma. – disse a minha mãe, que estava na porta desde a metade da minha explicação sobre o telefonema – Fale pra esse seu editor mal educado que você vai se recuperar do ferimento. Se você não falar, eu falo.

Depois de Juliana e o fotógrafo que ainda não sei o nome sair, resolvi deixar o resto dos repórteres entrarem. Para não dar tumulto, os funcionários do hospital não deixaram todo mundo entrar de uma vez. Sim, aquele dia no hospital foi uma bagunça. Acho que eles não me querem de volta lá. Ou querem, porque acham que eu sou famosa. Para cada repórter que vinha, eu era simpática e tentava dar declarações rápidas e substanciais que eu sabia que rendiam boas sonoras no rádio e na TV. O cinegrafista da TV Itauíta filmou meu braço, me fez ir até a janela e olhar com um jeito pensativo lá para fora, filmou minhas mãos (tomara que não usem essa tomada, meu esmalte estava todo descascado). E fez algumas filmagens do corredor do hospital. Foi lá que gravaram a passagem também.

– ... quando estávamos chegando na fazenda, vimos uma caminhonete parada na estrada e um homem pedindo ajuda. Quando paramos,

uns cinco homens começaram a atirar de dentro da caminhonete. Carlos, o fiscal, mesmo ferido conseguiu dirigir até a rodovia

Eu sabia que havia várias possibilidades de usarem essa fala. Poderiam encaixar partes da minha fala e depois uma breve passagem do repórter contextualizando o assunto e falando sobre alguma importante da matéria. E depois muda de cenário e vai mostrar outra fonte falando sobre o que aconteceu. Ou o repórter pode parafrasear o que eu falei na narração do repórter (o famoso “off”), com alguma simulação feita no computador e colocar alguma frase de efeito que eu usei na declaração. Gosto mais da simulação, mas acho que não daria tempo de fazer em tão pouco tempo para a 2ª edição do telejornal.

E a maioria dos repórteres fizeram essa pergunta, um tanto capciosa, que eu tentei responder com o máximo de cuidado possível:

– Quem você acha que foi o mandante do crime?

– Eu não posso especular nada sem provas e fontes, mas não importa quem for, quero que a justiça seja feita por esses profissionais que morreram e foram feridos exercendo seu serviço.

Ah! Essa frase de efeito estaria no encerramento, com certeza. Todas as reportagens sobre o assunto vão terminar com o primeiro plano meu dizendo isso. Ou um “abre aspas”, disse/declara/deseja Amanda Sanchez. Ou minha voz no rádio, caso já não tenha alguma outra sonora minha na matéria.

Mas o que mais me chamou atenção foi uma garota que parecia ter a minha idade que chegou para a entrevista. Disse que era de uma companhia midiática da capital. Chegou sozinha, sem fotógrafo nem cinegrafista. Montou o tripé, ligou a câmera, arrumou o microfone. Fez algumas perguntas que estava no papel, e não se preocupou em me perguntar mais do que o básico. Foi super rápida. Depois disso tirou algumas fotos.

Quero ser jornalista. Amanda também.

Antes de ir embora, perguntei onde seria publicado o material.

– Então, na van antes de chegar na próxima matéria que vou fazer, eu vou escrever uma nota para a internet e um boletim para o rádio. Depois disso vou editar o vídeo e com ele vou fazer uma matéria para a TV e deixar pronta a reportagem para a edição do radiojornal. E amanhã vai sair uma matéria sua no impresso, que vai ter também essas últimas fotos que eu tirei.

Meu Deus! Só naquela frase eu vi pelo menos uns 5 profissionais no olho da rua por causa dela. Não exatamente por causa dela, mas por esse sistema.

Nossa! É bastante coisa. Você trabalha nessa empresa há muito tempo?

– Não. Faz uns dois meses que eu estou estagiando lá.

Gente! Eu não vou perguntar mais nada depois dessa.

Que dia! De manhã minha casa é invadida e eu sou ameaçada, a tarde me dão um tiro e todo mundo ao meu lado morre ou entra em coma. No fim da tarde a imprensa toda quer saber sobre minha história e a noite vou dormir numa cama de hospital, dando graças a Deus por estar viva.

Normalmente costumo ir dormir bem tarde. Mas acho que esses remédios no soro estão me deixando com um sono danado. Era 9 horas da noite quando disse aos meus pais que iria tirar um cochilo. Eles disseram que ficariam por perto, mas iriam agora na cantina do hospital comer um lanche e perguntaram se eu queria alguma coisa. Respondi que não, pois já havia jantado. Falam que comida de hospital é ruim, mas quem fala isso ainda não comeu a comida que eu faço em casa. Então, nossa, eu comi tudo como se fosse manjar dos deuses, já que não tinha almoçado.

Me despedi dos meus pais e pretendia virar para o lado para dormir.

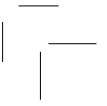
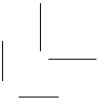
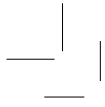


Jéssica Lane

Mas esqueci do braço e doeu pra cacete! Então resolvi tentar dormir de frente como uma múmia. Estava quase conseguindo quando ouvi passos. “Ai, a enfermeira disse que iria me dar uma folga do soro por algumas horas, então o que ela...”

Quando abri os olhos vi que não era a enfermeira.

Era Fábio Duarte.



10 AS NÃO-PALAVRAS

“Um bom repórter aprende a ler nas entrelinhas, a captar sinais, a entender o não-dito.”

Luciana Bistane / Luciane Bacellas

FÁBIO DUARTE PERDE FAZENDA POR MANTER TRABALHO ANÁLOGO A ESCRAVO

Prefeito de São José dos Caracóis tem sua fazenda em Itauíta expropriada.

Hoje pela manhã, a fazenda Doce Vale foi expropriada pelo Estado em operação conjunta com o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). A propriedade pertencia a Fábio Duarte, atual prefeito de São José dos Caracóis. A fazenda fica em Itauíta (a 500 km de Caracóis). A Polícia encontrou resistência da parte de Fábio Duarte e de sua família para deixar o local. “Essa decisão não é justa. Não sou responsável pelo que aconteceu há anos atrás e ainda pretendo recorrer para que a justiça seja feita.”, justifica Fábio.

Há seis anos, José Carlos da Silva, trabalhador rural da fazenda Doce Vale, foi morto à tiros na rodovia BR 85. Ele e mais 54 cortadores de cana-de-açúcar viviam na fazenda em condições análogas a escravidão. Após uma denúncia feita no MTE, dois fiscais, dois jornalistas e um cinegrafista que pretendiam ir até o local, foram alvejados de tiros numa emboscada próxima a fazenda.

Tomé da Silva Leite, responsável direto pela fazenda, foi condenado a 30 anos de prisão como mandante do assassinato de José Carlos, os

Quero ser jornalista. Amanda também.

dois fiscais do MTE, Carlos Paixão e Maria Helena Carvionatto e Augusto Perez, cinegrafista da TV Itauíta. As jornalistas Karina Jobe Martha e Amanda Sanchez, também foram feridas. Os atiradores na caminhonete ainda aguardam julgamento.

Fábio Duarte ainda tem propriedades no estado do Pará, Goiás e São Paulo. E tem pretensões de se candidatar a deputado no ano que vem, como relatou em entrevista ao jornal Folha de Notícias.

Nova vida

A maioria dos trabalhadores resgatados da fazenda foram mandados para a sede do projeto Ação Integrada. 20 deles voltaram para suas cidades de origem ou para casa de parentes. Os demais conseguiram emprego e estão morando na região.

A família de José, assassinado em 2014, voltou para sua cidade de origem, São João da Virassoca, no Maranhão e que agora não está mais trabalhando nos canaviais. “Lá na casa, eu aprendi tapeçaria e agora trabalho aqui na minha cidade”, diz João Raimundo da Silva, irmão de José.

Outro trabalhador, Robson Pereira está trabalhando numa fazenda da região. “Aqui nós recebemos certinho, por semana. Ninguém ameaça a gente com arma e podemos ganhar honestamente nosso sustento”, conta Robson.

Antônio André Siqueira, agente do MTE diz que ainda há muitas conquistas a se fazer, mas a desapropriação das terras de Fábio Duarte é uma grande conquista a favor da causa. “O que aconteceu com Fábio Duarte e vem acontecendo com outros fazendeiros e empresários que utilizam de mão-de-obra de forma irregular, tem que ser servido de exemplo para que outros fazendeiros regularizem a situação em suas propriedades.”, esclarece Antônio André.

Contudo, para ele, a luta está longe de acabar em relação ao trabalho rural nos canaviais. “É preciso ser melhorado o sistema de medição do corte da cana, para que o trabalhador ganhe realmente o que é justo. Também é preciso melhorar as condições de trabalho, já que o esforço físico leva o cortador de cana a ter muitos problemas de saúde.”, diz o agente do MTE.

Imprimi para poder ler melhor. Anotei alguns erros para corrigí-los no computador. Mandeí mensagem no sistema da empresa para a jornalista.

– Ótimo, Marcela. Gostei do texto.

O laboratorista passou ao meu lado.

– Já está com as fotos dessa matéria do Fábio Duarte?

– Já sim, mas estou em dúvida entre uma e outra.

Fui para a mesa dele. Observei as fotos. Estavam muito boas, cada uma mostrava situações diferentes, mas eram muito pertinentes. Escolhi uma em que mostrava os policiais isolando a cerca no fundo, enquanto aparece Fábio no foco, possesso de raiva no plano da frente, de costas para câmera, apontando o dedo. No Diário de Itauíta essa foto iria para a lixeira.

– Nossa, quem fez essas fotos?

– Ah! O freela que a gente chamou para substituir o Rubinho que está de licença. Ele ali ó!

Era aquele fotógrafo. Eu já nem em Itauíta estava morando mais. Como pode o mundo ser tão pequeno? Fiz uma coisa que eu já deveria ter feito a muito tempo.

– Ei, qual é o nome dele?

– É Blaszczykowski

– O que?

Quero ser jornalista. Amanda também.

- Blaszczykowski. Acho que é russo.
- Oi, Amanda! – ele me viu.
- Oi... cara! Não acredito que você veio pra cá!

Conversamos sobre os rumos que nossas vidas seguiram depois de tudo aquilo que havia acontecido. Nós dois fomos demitidos no primeiro “passaralho” que teve no jornal. Passaralho é um “singelo” apelido para demissões em massa de jornalistas. Ele tem seguido desde então a vida freela e eu... hum... bom... eu acatei o conselho de Fábio Duarte naquela visitinha para mim no hospital.

Quando o vi no meu quarto, não sabia direito o que sentir. Por um lado estava sentindo raiva por ele ter tido a coragem de botar os pés aqui. E por outro lado sentia medo dele ser idiota o suficiente de me fazer algum mal, já que se ele me matasse logo depois das minhas entrevistas irem ao ar, ele seria o principal suspeito. Mas eu acredito que ele se ache o dono do mundo e acima da lei, então, não duvidava de que ele não estivesse nem ligando para as suspeitas da polícia. E se ele ou algum dos seus comparsas querem fazer mal aos meus pais para me fazer calar a boca?

Fábio se aproximou da cama. Fiquei sem reação. Esperei ele dar as cartas do jogo, mas acho que ele viu pelo meu olhar que eu estava com medo.

- Eu não vou fazer nada a você. Na verdade não consigo fazer mal a uma mosca. Mas acho que você não pensa assim.
- O que você quer aqui?
- Minha visita é rápida, não se preocupe. Só vim te dar uma sugestão. Acho melhor você usar esse tempo de recuperação para arrumar um novo ramo para trabalhar, porque você não vai achar emprego nunca mais em outro lugar como jornalista. E eu já me certifiquei disso.

Muito obrigada, Fábio. Sem você eu nunca seria dona de uma agência de notícias.

Já que a minha carreira aparentemente havia acabado, segui o conselho dele a partir daquela noite, e durante a recuperação (e também depois) comecei a ir atrás de um sonho que começou na faculdade, mas achava que não daria conta porque eu não sabia nada sobre como investir num negócio próprio e a faculdade só me ensinava a trabalhar na empresa de alguém. Fiz algumas pesquisas e cursos, poupei um dinheiro e abri minha própria agência de notícias. Baseado nas recentes experiências, vi que o campo trabalhista é muito vasto de notícias inexploradas, por isso, criei uma empresa especializada em notícias e conscientização de questões trabalhistas.

Eu e o Gui fizemos uma boa parceria. E pretendemos ampliar a empresa para outros ramos que também tem carência de abordagem da mídia.

E sim, eu e o Guilherme fizemos as pazes.

Ouvi uma batida na porta do quarto.

– Entra!

– Oi! Vim deixar meu currículo.

Estava de costas para a porta, digitando no computador, por isso quando ouvi a voz dele girei na cadeira, surpresa. Era o Guilherme.

– Então minha mãe te deixou entrar...

– Coitada. Não fique brava com ela. Ela não resistiu ao bolo de fubá com canela que a minha mãe fez para ela.

– Boa tática. Esperto da sua parte. E sua mãe, está bem?

– Está sim. Ela já se recuperou. Foi difícil, mas hoje ela está bem melhor. O médico disse que o câncer está regredindo. Ela fez uns exames

Quero ser jornalista. Amanda também.

para confirmar. Amanhã vou pegar o resultado.

Não o via desde aquele dia no hospital. Desde aquele tempo muita coisa aconteceu. Meu braço ficou bom (dói as vezes, mas acho que é normal), fui demitida e agora estou trabalhando como freelancer, mas resolvi voltar para a casa dos meus pais para conseguir ter o mínimo de gasto possível e juntar dinheiro para abrir a agência. Eu não avisei a ele que havia me mudado de cidade. Acho que isso só acabou nos afastando ainda mais porque deu para ver nas mensagens do Feed dele no Facebook que ele estava chateado com as pessoas, amizades e coisa e tal. Então, eu não sei o que esperar dessa conversa, mas se ele parecia estar usando o bom humor para cortar o clima estranho, vou entrar no jogo.

– Então você pretende se candidatar a uma vaga na minha empresa? Olha, garoto, não vai ser fácil, a minha equipe é muito qualificada. - equipe formada por mim e mim mesma - Tem certeza que está qualificado para o cargo?

– Acho que vai ter que me entrevistar pra saber.

– Hum, ok candidato. Por que quer trabalhar aqui?

– Acredito que eu e a “sua equipe” – sim, ele fez aspas com os dedos - temos os mesmos interesses em comum pelo bem estar das pessoas no trabalho e ambos queremos fazer o melhor por isso.

– Agora o real motivo, por favor.

– Ando precisando de trabalho desde que pedi demissão de um serviço de assessoria de imprensa a um candidato a prefeito, que fez muita besteira na sua candidatura, não sei se você ouviu falar...

Eu não fazia ideia de que depois do escândalo, ele havia pedido demissão. Achei que foi o melhor, já que se continuasse naquele serviço poderia perder seu nome no mercado. E é bom ter uma boa fama na assessoria de imprensa. Em toda profissão, na verdade.

– Eah... acho que me lembro de ter ouvido algo sobre isso por aí.

Uma jornalista bem charmosa, bonita pra caramba tomou um tiro no braço, né?

– Disso eu não me lembro não. Que jornalista bonita?

Bati no braço dele.

– Ai! Seu braço já tá muito bom pelo jeito, hein!

– Segunda pergunta: por que veio aqui?

– Na verdade vim prestar um concurso aqui na cidade. – eah, eu não sabia o que esperar da resposta, mas seria legal se ele tivesse vindo só pra me ver - Nem sei dizer se eu fui bem ou não na prova. Tomara que sim. E aí resolvi vir aqui te ver, já que faz tempo que...né...

Ele não completou a frase. Fiquei um tempo esperando ele completar o que iria dizer, mas ele não fez. A pausa foi desconcertante, mas parecia dito mais do que as palavras diriam.

– Faz, faz tempo mesmo... – ele conseguia expressar sentimentos sem falar. Eu não. - Me desculpe por aquele dia e por ter ficado tanto tempo sem falar com você depois disso.

– Desculpas aceitas. - disse com um ar meio galante – Foi mal também. Não queria ter te exposto daquele jeito.

– Tudo bem. Já passou. - eu não queria falar mais disso – E agora terceira e última pergunta: o que foi que você quis me mostrar todos esses anos e eu não entendi?

Ele tirou seus olhos de mim e não falou nada. Só olhou para o meu computador e perguntou:

– O que você está vendo aí?

Entendi que ele estava desviando o assunto. Por que ele não simplesmente falava? Seria mais fácil dizer: “Amanda, acho que aquele assassinato pode ter a ver com o Fábio Duarte.”, “Amanda, não quero que você se arrisque tanto”, “Amanda, é isso que eu quero que você entenda”. Tudo seria sido muito mais fácil. Mas eu realmente queria que ele faci-

Quero ser jornalista. Amanda também.

litasse as coisas?

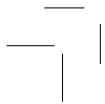
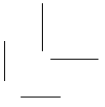
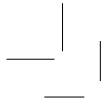
– Estava fazendo as contas do quanto ainda preciso para conseguir abrir a micro empresa. É que não é só abrir a empresa, precisa ter todo um planejamento pra não quebrar logo no começo. Precisa saber que tem os impostos pra pagar, fazer pesquisa de mercado, ver quem serão os clientes, investir numa estratégia legal de marketing, ver o local. E ver se a minha grana dá pra tudo isso. É muita coisa! Não sei se vai dar pra fazer isso sozinha, acho melhor continuar como freela ou tentar arrumar emprego em algum lugar...

– Você não vai fazer isso sozinha. – e segurou minhas mãos.

Olhei para os olhos dele e descobri o que eu ainda não havia entendido: eu nunca iria me ver livre desse cara chato que não fala o que na verdade quer dizer. Que bom!

Tá, a gente se beijou depois disso. Eu tinha que contar.

FIM



Quero ser jornalista. Amanda também.

Quem é essa galera?

Para você que ficou curioso para saber quem disse aquelas frases legais em cada começo de capítulo, olha só:

1. George Orwell (1903-1950) pseudônimo de Eric Arthur Blair, foi jornalista e escritor de várias obras famosas como *Revolução dos Bichos*, 1984 e *Grande Irmão*, que deu origem ao nome do reality show *Big Brother* (sim, o “Big Brother” surgiu de um livro - e muito bom por sinal). Durante a Segunda Guerra Mundial, Orwell trabalhou como correspondente de guerra para a BBC. George Orwell morreu em 1950, na Inglaterra, em consequência de uma tuberculose. Entre outras obras, escreveu também *Dias na Birmânia*, *O Caminho de Wigan* e *Por Que Escrevo*.

2. Felipe Pena é apresentador do programa *Estudio I*, da *GloboNews*. É doutor em literatura pela PUC-RIO e foi sub-reitor da Universidade Estácio de Sá, onde também ocupou o cargo de diretor da Faculdade de Comunicação Social. Foi autor de vários livros na área de comunicação.

3. Horace Greeley (1811- 1872) foi jornalista e fundador do Partido Republicano nos EUA. Em 1834, trabalhou nos jornais *The New Yorker* e *New Yorker Tribune*. É autor de uma famosa frase da história dos EUA: “Go West, young man, go West” (Para o Oeste, meu jovem, para o Oeste). Concorreu em 1872 a presidência dos Estados Unidos, mas morreu antes da votação.

4. Adlai Ewing Stevenson IV é empresário e jornalista. Foi repórter nas emissoras WTNH, em New Haven, WMBD, em Peoria, KARE, em Minneapolis e WMAQ, em Chicago. É de uma família de políticos famosos nos EUA, como seu pai, senador e seu avô, ex-candidato a presidência dos Estados Unidos.

5. Juahrez Alves é escritor, filósofo, professor graduado em Letras, e produtor cultural. Foi TOP OF MIND 2005/2006, pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa de Opinião Pública – INBRAP, e produz de artistas da MPB, tais como: Marisa Monte, Zeca Baleiro, Zé Ramalho e Dominguinhos. É autor dos livros “Ecossegos”, “A Era do Espírito Santo na Trajetória da Consciência” e “Frases que Curam”.

6. Evaristo Costa é jornalista e apresentador do Jornal Hoje, na Rede Globo. Trabalhou na TV Afiada no Vale do Paraíba e depois foi para o Mais Você. Foi homem do tempo nos jornais do Bom Dia São Paulo, Bom Dia Brasil, SPTV, Jornal Hoje e no Jornal Nacional. Foi apresentador do Globo Rural, e logo depois substituiu Carlos Nascimento na bancada do Jornal Hoje.

7. Heródoto Barbero é jornalista e historiador. Foi professor durante vinte e cinco anos de história contemporânea na USP e no Colégio Objetivo. Fundou o PDT em 1980 junto com Leonel Brizola e Terezinha Zerbine. Heródoto só foi cursar jornalismo após um convite para trabalhar na Rádio Jovem Pan, onde foi exigido que tivesse o diploma. Em 1991 participou da criação da rádio CBN, onde foi âncora e gerente de jornalismo do Sistema Globo de Rádio. Trabalhou na TV Cultura por 17 anos, onde foi apresentador do programa Roda Viva. Em janeiro de 2011, Heródoto deixa a rádio CBN e a TV Cultura para trabalhar na Record News como âncora e editor chefe do Jornal da Record News.

Quero ser jornalista. Amanda também.

8. Joel Silveira (1918 - 2007) foi jornalista e escritor e conviveu com artistas e intelectuais como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga (isso é que era um cara que tinha contatos!). Sua primeira matéria de destaque saiu em 1943, na revista carioca Diretrizes de Samuel Wainer. Trabalhou posteriormente com Assis Chateaubriand nos Diários Associados, em que atuou como correspondente na Itália durante a Segunda Guerra. Recebeu os prêmios Líbero Badaró, Esso Especial, Jabuti, Golfinho de Ouro e Machado de Assis, o mais importante da Academia Brasileira de Letras, em 1998, pelo conjunto de sua obra.

9. Sandra Annenberg é atriz, jornalista e apresentadora do Jornal Hoje, na Rede Globo. Começou sua carreira, aos 14 anos, como repórter do programa Crig-Rá, exibido pela TV Gazeta. Como atriz atuou na série Tarcísio & Glória (1988) e na novela Pacto de sangue (1989). No jornalismo, foi garota do tempo do Jornal Nacional. Participou da bancada do Fantástico, e foi apresentadora e editora-executiva do SPTV 1ª edição e do Jornal da Globo. Já foi correspondente internacional e coordenadora do escritório da TV Globo em Londres. Em 2003, Sandra Annenberg voltou ao Brasil e foi para a apresentação do Jornal Hoje. Atualmente é apresentadora do programa Como Será, também na rede Globo.

10. Luciane Bacellar é Facilities Office na Schlumberger, uma empresa de Petróleo e energia. É formada em Relações Públicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e tem mestrado em Gestão pela Universidade Federal Fluminense e MBA em Gestão e Desenvolvimento de Pessoas pela Fundação Getúlio Vargas. Junto com a jornalista Luciana Bistrane fizeram o livro Jornalismo de TV, pela editora Contexto.



Jéssica Lane

Luciana Bistrane é jornalista e editora do Jornal da Globo. Foi professora na Faculdade de Jornalismo da PUC - BH e na Cásper Líbero, em São Paulo. Como repórter e ganhou dois prêmios Vladimir Herzog. Como editora, trabalhou na TV Globo de Belo Horizonte, onde foi editora-chefe do MGTV. De lá, veio para a TV Globo de São Paulo, onde já trabalhou em vários telejornais. Atualmente, no Jornal da Globo, edita a coluna de Nelson Motta.

Quero ser jornalista. Amanda também.

Como foi a coisa toda

Ele parecia ter sido tirado de um livro. Um homem baixo, de cabeça redonda com alguns cabelos em falta, e que arregalava os olhos embaixo dos óculos a todo momento que se falava no assunto que ele mais gostava de cobrir no jornalismo: assassinatos. Ele é repórter de polícia de um jornal que conheci ao longo das entrevistas feitas em redações de jornais para o meu Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade (ou seja, esse livro que vocês leram).

Peguei uma cadeira e me sentei ao seu lado. Ele parou de digitar sua manchete de hoje no computador antigo, daqueles brancos que muita gente teve na infância. Na verdade, uma parte dos computadores de lá eu não conseguia entender como estavam funcionando ainda. Mas combinava bem com o prédio velho de pintura descascada e suja por dentro e por fora, com um carro personalizado com o nome do jornal e marcas de cocô de pombo, estacionado em frente.

Comecei a fazer as perguntas. Ele foi me contando todo animado sobre suas histórias mais inusitadas. Me explicou sobre como havia aprendido os jargões da polícia, o que era noticiável ou não nas mensagens que ouvia no radinho com transmissões da PM. Ele, com aqueles olhos grandes e espertos, ria, com som agudo, do seu próprio humor negro.

– Fui cobrir um caso de assassinato. Um traficante tinha sido morto a tiros. Ele morreu, mas continuou sentado na moto assim - e exemplificou, com a cabeça e os braços abaixados, e os olhos fechados. - Eu tirei foto dele assim e foi capa do jornal. - e deu sua risada aguda.

– Outra vez também, teve um homem que foi atropelado por um trem. E quando eu cheguei estava um pedaço dele, o tronco pra cima, de um lado do trilho, com a boca aberta e cara de espanto assim - e me

mostrou olhos arregalados e a boca aberta. Eu tirei foto daquela cara do morto e foi pra capa também. - e riu de novo. - Veio gente falar mal no Facebook, dizer que era uma imagem muito forte. Mas eu nem liguei.

O pessoal estava rindo, acompanhando a história, enquanto alguns escreviam suas matérias e outros diagramavam o jornal. Eu esboçava um sorriso também, mas não pelo que ele contou, mas pela situação toda. Tinha cansado de ouvir na faculdade sobre o gosto que as mídias tinham por sangue, morte, para dar mais audiência, atrair leitores. Mas não acreditei que existia um gosto assim pela morte. Perguntei para ele qual era a sua aspiração como jornalista e ele me respondeu com um sorriso:

– Bom seria trabalhar em São Paulo. Lá tem tanto crime que dá pra escolher. “Ah! Tem dois mortos só? Não vou cobrir não”. - e riu, junto com toda a redação que o ouvia.

Esse não é mais um capítulo de ficção, é realidade. Como essa, tiveram várias entrevistas e poderia falar de todas elas. Para mostrar o jornalismo do ponto de vista do profissional que já trabalha na área, entrevistei jornalistas de quatro redações de jornais, duas redações de TV e uma de revista. No total foram ... pessoas entrevistadas. E a cada conversa que participava com meus colegas de profissão, me inspirava mais a costurar com palavras essa colcha de retalhos que seria a história deste livro. Posso dizer que tem um pouquinho de cada entrevista nessa ficção: uma frase, uma situação, um cenário, uma característica, uma palavra.

Tem um pouco da história do meu ex-professor da faculdade que me contou que quando trabalhava para uma emissora de televisão, passou a virada do ano em frente a um presídio em rebelião depois de ter seguido por horas o comboio do traficante Marcola, foi transferido para outro presídio. Nesse dia ele ficou 36 horas trabalhando. Conte também sobre

Quero ser jornalista. Amanda também.

duas assessoras de imprensa de lugares diferentes do Brasil, que não se conhecem, mas passaram pelo mesmo problema de perseguição nas assessorias de Prefeitura e Câmara Municipal de suas cidades. Tinha na história um pouco de um repórter que trabalhou desde que se formou num jornal impresso, mas que agora está se arriscando na carreira freelancer. Tinha também um pouco da história de um jornalista, que apesar de ser fluente em cinco línguas e ter experiência em revistas famosas da editora Abril e em programas da Globo, sempre trabalhou como freelancer - e não foi por opção. Estava lá no livro também as impressões de ex-colegas de classe, sobre o mercado de trabalho em que acabaram de entrar.

Percebi que entrevistar tantas pessoas da área era também um grande treino para mim. Tinha gente que sempre me entregava histórias lindas de bandeja. Eles me abriam seus corações e isso me fazia sentir realizada como jornalista. Porém, em algumas entrevistas me sentia frustrada, principalmente quando se tratava de alguém que estava há anos no ramo e hoje dispõe de um alto cargo. Sentia que não conseguia tirar da pessoa todas as informações que poderia e que não estava pegando mensagens nas entrelinhas por pura inexperiência. Mas acredito que com o tempo isso foi mudando, já que tantas entrevistas me deram mais experiências. Consegui aprender que ler as entrelinhas é um exercício de constante prática e pesquisa do contexto em que está inserido.

Concomitantemente enquanto entrava na realidade do jornalismo, também aprendia mais sobre a realidade dos cortadores de cana e do trabalho escravo. Não consegui entrar no universo de forma direta. Minha maior vontade era de passar um dia com eles, ver de perto seu trabalho e suas histórias. Mas com a correria, o prazo apertado, nem tudo é possível. Contudo talvez fosse melhor assim, já que o livro era em primeira pessoa sobre uma garota que estava entrando pela primeira vez

nesse universo. Assim como eu.

Por vídeos e depoimentos vi que o trabalho escravo ainda é uma dura realidade no Brasil. A estimativa é de que ... pessoas vivem no Brasil ainda sobre regime de trabalho análogo ao escravo tanto na zona rural, como na zona urbana.

E sei que é incomparável a realidade do trabalhador que vive em situação análoga ao escravo com a situação do trabalho no jornalismo. Mas achei legal mostrar o quanto o jornalista por sua própria história, sua própria experiência de vida, tem a capacidade de se identificar com quem entrevista, com as histórias que escreve. Amanda se via em João. Se via num emprego no qual exigiam demais do seu tempo e da sua energia, por pouco salário. Se via presa em um sistema em que várias outras empresas tratavam de forma parecida seus funcionários. Se via dependente desse sistema.

Escrever foi a parte mais divertida do processo todo do trabalho. Eu amo escrever ficção, e como era a primeira experiência de ficção totalmente voltada para a realidade, fiquei muito animada com esse desafio. A história saiu facilmente, e em um mês mais ou menos estava pronta. Menos o final. O final demorou um pouco para sair, como quase todos os finais de livro, creio eu, porque o autor sempre quer que saia perfeito, seja o “Gran Finale”. E depois de escrever o livro todo, voltei a campo e fiz mais entrevistas e pesquisas para ver se o que havia escrito se confirmava na prática.

Na maioria das entrevistas, pedia para que os entrevistados dessem algumas dicas para você leitor que pretende ingressar no jornalismo. Então para você que tem esse desejo de trabalhar no jornal, na TV, no rádio, na internet, na assessoria de imprensa é hora de prestar atenção, anotar e não esquecer as dicas aqui.

Quero ser jornalista. Amanda também.

*“Seja apaixonado pelo jornalismo, o ame loucamente. Se você tiver algum receio sobre este amor, procure outra profissão. No jornalismo, a gente vai da glória à mer** num piscar de olhos, ainda mais sendo freelancer. Se amar, lute por este amor com unhas e dentes. E tenha muitos amigos, porque você pode precisar se “hospedar” na casa deles.”*

Gabriel Castaldini - jornalista freelancer.

“A mensagem vai a todos que pretendem trabalhar com Jornalismo e televisão. Saiam dos padrões Globo, arrisquem a criar programas de Jornalismo de modo alternativo. A informação tem que ser atraente, a televisão não deve ser burra, ela tem tudo para ser um instrumento importante na vida das pessoas.”

Ligiane Ciola - jornalista brasileira que trabalha numa TV italiana.

“Buscar bons contatos, tanto com jornalistas e assessores. Também digo para serem humildes, pois em geral, ninguém gosta de assessor de imprensa. A gente erra muito e tem que admitir que errou. Não esquecer que temos sempre que pensar em oferecer algo novo e interessante que conquiste tanto o cliente, quanto o jornalista. Muito jogo de cintura é essencial! Além disso, vamos tentar unir essa classe, que parece que somos concorrentes o tempo todo e não é bem assim.”

Luana Caroline Friedrich de Carvalho - assessora de imprensa

“Tem que ter vontade. Tem que querer ser jornalista. Tem que abrir mão do sábado, domingo, feriado, ter hora para sair, mas não ter hora para voltar pra casa. Ganhar pouco, ser humilhado, mas saber que está fazendo certo. Porque o jornalista quando ele dá uma notícia, já vi jornalista prender deputado, soltar gente inocente, é...enfim. Então é saber que ele vai ser herói sem ser reconhecido. Ser jornalista é isso.”

Valmir da Silva Moreira - sócio, proprietário e apresentador de uma emissora de televisão.

“Basicamente a pessoa tem que gostar de ler, se informar de lei e se manter informado. Isso desde o vestibular. A redação sempre vai ser definitiva no vestibular. Se você não souber redação você não passa em curso nenhum. Eu acho que basicamente a pessoa tem que gostar de gente também. E estar sempre informado, buscar informação, onde ela estiver, não só no computador, mas também nos livros, nos jornais, onde ela estiver.”

Márcia Bessa Martins Francisco - editora chefe de uma revista.

E para concluir, quero deixar também com vocês as minhas dicas, que aprendi na faculdade, na prática do jornalismo e ao escrever esse livro.

1. Pergunte bastante, mas acima de tudo OUÇA.
2. Quando você se decidir de verdade pelo jornalismo, acabou essa ideia de só escrever se estiver com inspiração. Quando você tiver que escrever 3 ou 4 matérias diferentes num dia só, aí de você se ela não vier.
3. Quando for para a faculdade de jornalismo se prepare para um “blow our mind”, uma metanóia sobre mil conceitos e verdades absolutas que você antes acreditava.
4. Tenha um bom português. Na maioria das mídias em que pesquisei, sempre reclamavam que muitos jornalistas não sabem coisas básicas da língua portuguesa. Ela é seu instrumento de trabalho, por isso, maneje-a bem. Jornalista que não sabe escrever, é como um pedreiro que não sabe assentar tijolos e construir uma parede.
5. Não confie na sua formação na faculdade como sua única fonte de conhecimento para o mercado de trabalho. Você vai sair dela achando que está arrasando, quando na verdade o mercado vai

Quero ser jornalista. Amanda também.

te pedir mil coisas que você achava que seria um diferencial, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. Ou seja, ter boa noção de design gráfico, de ferramentas de diagramação e edição de fotos e vídeos, fotografia, falar corretamente e ter boa postura e desenvoltura diante das câmeras ou do microfone no rádio, saber html, e até fazer um cafezinho. Com o acúmulo de funções no jornalismo, tenho visto propostas de emprego com especificações que para eles não são mais que obrigação ter, mas a faculdade não ensina. Ai, mas não se desespere e nada de pirar e se sobrecarregar, calma! Tente na medida do possível aprender sobre ferramentas e assuntos interessantes para você para não se tornar algo tão massante.

6. Desconfie. Leia as entrelinhas. Se você comprar de cara todo discurso que te vendem nas entrevistas por aí, você nunca vai conseguir dar uma notícia de qualidade. Porque todo o entrevistado sabe que para convencer o público de sua versão, precisa primeiro convencer ao jornalista. Então leia as entrelinhas do político que vai te explicar porque a obra ainda não está pronta. Leia as entrelinhas da senhora humilde que reclama da falta de médicos no hospital. E leia as entrelinhas também dos chefes que podem te falar que “amor pelo jornalismo” é praticamente abdicar da sua vida pessoal. E você só consegue ler essas entrelinhas com muita leitura, pesquisa e atenção em ouvir e observar as pessoas e o cenário ao seu redor.
7. Divirta-se. Converse, aprenda todos os dias. Viva essa rotina sem rotina que a profissão te dá. Viva para o jornalismo, porque é uma profissão linda. Mas se unam e lutem pela sua categoria, pois essa desunião na profissão (sim, vocês vão ver que é uma classe bem desunida) faz com que cada vez se percam mais di-



Jéssica Lane

reitos trabalhistas.

8. É difícil em alguns meios de comunicação, mas tente com todas as suas forças, fazer um bom jornalismo. E um bom jornalismo é aquele que informa e educa o cidadão, que dá voz aos menos favorecidos e trata o ser humano com respeito.

É isso, meus leitores. Vejo vocês no próximo livro.

Até breve.

Jéssica Lane

